

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

GUILHERME GONÇALVES DA SILVA

**A FUNÇÃO DO JORNALISMO LOCAL: COMO ZERO HORA COBRIU A REVITALIZAÇÃO DO
VIADUTO OTÁVIO ROCHA NA GESTÃO DE SEBASTIÃO MELO**

Porto Alegre
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

GUILHERME GONÇALVES DA SILVA

**A FUNÇÃO DO JORNALISMO LOCAL: COMO ZERO HORA COBRIU A
REVITALIZAÇÃO DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA NA GESTÃO DE SEBASTIÃO MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola
de Comunicação, Artes e Design Famecos da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Tércio Saccol

PORTO ALEGRE

2024

GUILHERME GONÇALVES DA SILVA

**A FUNÇÃO DO JORNALISMO LOCAL: COMO ZERO HORA COBRIU A
REVITALIZAÇÃO DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA NA GESTÃO DE SEBASTIÃO MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Bacharel em Jornalismo pela Escola
de Comunicação, Artes e Design Famecos da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof. Me. Tércio Saccol

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Tércio Saccol

Prof. Dr. André Fagundes Pase

Prof. Dr. Fábio Canatta de Souza

PORTO ALEGRE

2024

AGRADECIMENTOS

Nunca gostei tanto de estudar. Isso preocupava minha mãe durante o ensino médio, quando meu foco estava todo em fazer música. Nos cadernos, ao invés de escrever conteúdos passados em aula, desenhava instrumentos e escrevia cifras de violão. O preço disso foi ter repetido de ano duas vezes no ensino médio. Na segunda vez, para me dar a melhor lição que pude ter naquele momento, minha mãe me tirou da escola e me fez trabalhar no negócio da nossa família: uma lanchonete no Centro de Porto Alegre. Neste período, aprendi de onde vem o dinheiro e a conviver com mais pessoas. A isso, agradeço minha mãe.

Em 2016, aos 18 anos e com o ensino médio incompleto, peguei o dinheiro juntado que consegui trabalhando e paguei de uma só vez um supletivo para concluir minha formação. Tinha vergonha de ver meus amigos formados, entrando na faculdade e eu não. Naquele ano, tive aulas com pessoas mais velhas do que eu e com trajetórias totalmente diferentes da minha. Dessa vez, prestando atenção, tive facilidade para realizar as provas. No ano seguinte, entrei em um curso pré-vestibular, sem saber exatamente o que queria estudar na faculdade. Prestar vestibular para Jornalismo foi uma dica do meu pai.

Em 2019 que comecei a estudar Jornalismo, ainda no campus da Unisinos de Porto Alegre. No primeiro semestre, conheci uma pessoa muito importante: Maria. Em pouco tempo, viramos amigos. Eu chegava todos os dias uma hora antes de começarem as aulas para conversar com ela. Durante a pandemia, seguimos sendo colegas na Unisinos, nos vendo apenas pela webcam. Na volta ao presencial, nos transferimos juntos para a PUCRS. Semanas depois, encurtando uma longa história, viramos namorados. Desde então, ela me ajudou muito na graduação. Fizemos dezenas de trabalhos juntos; fomos e voltamos juntos da casa para a aula; lanchamos juntos; pegamos chuva juntos; e hoje até trabalhamos juntos, na Rádio Gaúcha. Inclusive, graças a ela que consegui escrever grande parte deste trabalho. Ela me acolheu em sua casa durante as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul, já que o apartamento onde moro com minha família fica no Centro de Porto Alegre, onde faltou água, luz e internet.

Falando sobre meus colegas de trabalho na RBS, preciso dedicar este espaço para agradecer alguns deles: Stefano Santagada, Diego Araujo e Jocimar

Farina, que foram entrevistados para esta pesquisa. Obrigado por cederem esse tempo, que na rotina diária da redação é precioso. Em especial, agradeço também à minha colega e amiga Giane Guerra, que desde 2022 tanto me ensina. Com ela, aumentei minha agenda de fontes, me tornei um jornalista com mais gana, com um texto melhor e com “sangue no olho”, como ela gosta de dizer. Também quero agradecer meu ex-colega de coluna Daniel Giussani, que atualmente brilha em São Paulo escrevendo para a revista Exame. Ele me ajudou muito quando fui trabalhar na coluna. Mesmo com a distância seguimos conversando e alimentando essa amizade.

Na faculdade de Jornalismo, achei vontade para estudar. Confesso que não em todas as disciplinas, mas nunca reprovei em uma cadeira. Para acelerar o andamento do curso, fizemos um financiamento com a PUCRS. Isso permitiu com que eu pudesse me matricular em várias disciplinas. Os últimos semestres foram insanos por causa disso, mas não me arrependo.

Devo agradecer também a todos os professores que tive na Famecos - os que ainda estão e os que já saíram da faculdade. Foram muito importantes para minha formação. Cito em especial o Tércio Saccol, meu orientador para este trabalho. Além de me ensinar na PUCRS, fomos colegas na coluna Acerto de Contas em um período de férias da Giane, onde ele assumiu como interino. Fizemos um bom trabalho. Nesse período ele provou que realmente sabe fazer tudo que passa em aula. É um grande jornalista, que por sorte foi meu professor.

Falando sobre meu irmão, Filipe, da sua maneira, ele demonstra que sente orgulho do que faço. Aluno do curso de Administração, ele também é um leitor voraz do jornal Zero Hora e da coluna em que trabalho. Às vezes, minutos depois de eu publicar um texto, ele já vem comentar comigo. Além de irmão, é um grande amigo. Sei que sentirei falta de dar carona para ele e para Maria na volta das aulas, mesmo que agora eu diga que não.

Para fechar, gostaria de agradecer minhas avós Glória e Eroni, e meus avôs, Manoel e Alvício, que sempre acreditaram no meu potencial. Eles sentem muito orgulho de o primeiro neto deles estar concluindo uma graduação. O vô Manoel não tem a mesma saúde mental que tinha quando entrei na faculdade, mas tenho certeza de que ele estaria muito orgulhoso de saber que agora minhas reportagens entram no Diário Gaúcho, que ele tanto adorava ler.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cobertura do jornal Zero Hora sobre a revitalização do Viaduto Otávio Rocha iniciada na gestão de Sebastião Melo (2021- presente) em Porto Alegre. Para propor uma análise crítica, debruça-se sobre o jornalismo local, através de autores como Fernandes e Lima (2016), Silva (2023) e Barros (2019). Também foi proposto um debate sobre as conexões existentes entre jornalismo e urbanismo, campos de pesquisa distintos, mas com pontos de convergência. Foram adotados estudos de Nunes (2014), Volpato (2022) e Filho (2006). Através da análise de conteúdo (Bardin, 2016), 5 textos do jornal Zero Hora foram utilizados, refletindo sobre as fontes selecionadas, papel da reportagem, imagens e recursos multimídia. Conclui-se que o jornal mobilizou sua estrutura para fazer a cobertura, mas a maior parte das reportagens se debruça pouco criticamente sobre o tema, contemplando o factual e a fala das fontes institucionais.

Palavras-chave: Jornalismo local. Obra. Revitalização. Viaduto Otávio Rocha. Jornal Zero Hora. Sebastião Melo.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the coverage of the newspaper Zero Hora on the revitalization of the Otávio Rocha Viaduct initiated during the administration of Sebastião Melo (2021- present) in Porto Alegre. To propose a critical analysis, it focuses on local journalism, through authors such as Fernandes and Lima (2016), Silva (2023) and Barros (2019). A debate was also proposed on the connections between journalism and urbanism, distinct fields of research, but with points of convergence. Studies by Nunes (2014), Volpatto (2022) and Filho (2006) were adopted. Through content analysis (Bardin, 2016), 5 texts from the newspaper Zero Hora were used, reflecting on the selected sources, role of the report, images and multimedia resources. It is concluded that the newspaper mobilized its structure to provide coverage, but most of the reports focus little critically on the topic, considering the factual and the speech of institutional sources.

Keywords: Local journalism. Construction. Revitalization. Otávio Rocha Viaduct. Zero Hora Journal. Sebastião Melo

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1 e 2 - Reportagem sobre buracos em calçadas do Viaduto Otávio Rocha	15
Figura 3 - Publicação da página Porto Alegre 24 Horas no Instagram	19
Figura 4 - Reportagem sobre reparos na Praça da Matriz	27
Figura 5 - Escadarias internas do Viaduto Otávio Rocha	30
Figura 6 - Imagem do projeto de revitalização do Viaduto Otávio Rocha	31
Figura 7 - Imagem do projeto da revitalização do Viaduto Otávio Rocha	32
Figuras 8 e 9 - Reportagem sobre moradores de rua no Viaduto Otávio Rocha	36
Figura 10 - Reportagem sobre exposição de arte no Viaduto Otávio Rocha	38
Figura 11 - Reportagem de Roger Silva (fevereiro de 2023)	44
Figura 12 - Reportagem de André Malinoski (setembro de 2023)	45
Figura 13 - Reportagem de Marcelo Gonzatto (outubro de 2023)	46
Figura 14 e 15 - Reportagens de Jônatha Bittencourt (janeiro e abril de 2024)	47
Figura 16 - Galeria de fotos na reportagem de Roger Silva	50
Figura 17 - Vídeo na reportagem de André Malinoski	52
Figura 18 - Foto na reportagem de Marcelo Gonzatto	57
Figura 19 - Galeria de fotos na reportagem de Jônatha Bitencourt (janeiro de 2024)	60
Figura 20 - Uso de hiperlinks na reportagem de Jônatha Bitencourt (abril de 2024)	6

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JORNALISMO LOCAL	12
2.1 DIFERENÇAS ENTRE JORNALISMO HIPERLOCAL E DE PROXIMIDADE ...	12
2.2 JORNALISMO LOCAL NA ERA DIGITAL	16
2.3 JORNALISMO LOCAL NO RIO GRANDE DO SUL	20
2.4 A EDITORIA DE PORTO ALEGRE DE GZH	22
3 O VIADUTO OTÁVIO ROCHA	25
3.1 URBANISMO EM PORTO ALEGRE: TRANSFORMAÇÕES	25
3.2 A HISTÓRIA DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA	28
3.3 JORNALISMO E URBANISMO	33
3.4 O VIADUTO OTÁVIO ROCHA NO JORNAL ZERO HORA	35
4 ANÁLISE	40
4.1 A METODOLOGIA DE TRABALHO	40
4.2 AS REPORTAGENS ESCOLHIDAS	44
4.3 OBRAS NO VIADUTO OTÁVIO ROCHA ALTERAM CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES DA AVENIDA BORGES DE MEDEIROS - EM 17 DE FEVEREIRO DE 2023	47
4.3.1 Pauta	47
4.3.2 Fontes utilizadas.....	48
4.3.3 Imagens	49
4.3.4 Conteúdos adicionais	50
4.4 VIADUTO OTÁVIO ROCHA: REVITALIZAÇÃO CHEGA A 20%, E PRIMEIRO TRECHO DEVE SER ENTREGUE EM DEZEMBRO - EM 20 DE SETEMBRO DE 2023.....	51
4.4.1 Pauta	51
4.4.2 Fontes utilizadas	51
4.4.3 Imagens	52
4.4.4 Conteúdos adicionais	54

4.5 USINA, QUADRILÁTERO, ESQUELETÃO: VEJA COMO ESTÁ O ANDAMENTO DE SETE GRANDES PROJETOS NO CENTRO DE PORTO ALEGRE - EM 26 DE OUTUBRO DE 2023	55
4.5.1 Pauta	55
4.5.2 Fontes utilizadas	56
4.5.3 Imagens	56
4.5.4 Conteúdos adicionais	57
4.6 COM ENTREGAS JÁ ATRASADAS, SECRETARIA DE OBRAS ADMITE POSSIBILIDADE DE ADIAR CONCLUSÃO DA REFORMA DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA - EM 12 DE JANEIRO DE 2024	58
4.6.1 Pauta	58
4.6.2 Fontes utilizadas	58
4.6.3 Imagens	58
4.6.4 Conteúdos adicionais	
4.7 CONCLUSÃO DA REFORMA DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA DEVE OCORRER COM CINCO MESES DE ATRASO, INFORMA PREFEITURA - EM 12 DE ABRIL DE 2024	61
4.7.1 Pauta	61
4.7.2 Fontes utilizadas	61
4.7.3 Imagens	62
4.7.4 Conteúdos adicionais	62
4.8 O QUE AS CATEGORIAS DIZEM SOBRE AS REPORTAGENS ANALISADAS	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67

1 INTRODUÇÃO

Diante de um contexto de difusão cada vez mais acelerado de informações e um cenário mais desafiador para veículos de comunicação, apostar no local é uma recomendação / prática proeminente para manter a relevância das plataformas de imprensa. No Rio Grande do Sul, o olhar para assuntos locais e hiperlocais é a marca de diferentes coberturas e pautas. O objeto do presente trabalho é a análise de uma dessas abordagens. É importante destacar que o autor deste trabalho atua de forma profissional no Grupo RBS, como assistente de conteúdo, mas buscou manter o distanciamento possível para exercer as análises e entrevistas de forma crítica, com olhar científico.

A presente pesquisa discute como foi a cobertura do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, sobre a mais recente revitalização do Viaduto Otávio Rocha, uma das estruturas mais conhecidas da capital do Rio Grande do Sul. Sua construção se iniciou em 1927, mas a finalização só foi concluída 5 anos depois. Nesta pesquisa, resgatamos a história do viaduto, trazendo o contexto urbanístico da cidade na época em que o então presidente de Estado (governador), Borges de Medeiros, e o intendente (prefeito) Otávio Rocha decidiram construir a estrutura que ligaria a zona sul da capital ao Centro Histórico (Volpatto, 2022).

Antes de falarmos da cobertura do jornal Zero Hora sobre a revitalização do Viaduto Otávio Rocha, precisamos falar sobre jornalismo local. Para isso, trouxe conceitos baseados em teóricos como Fernandes e Lima (2016), Silva (2023), Barros (2019) e outros autores contemporâneos que já falaram sobre o assunto com abordagens e análises.

Detalharemos no capítulo 2 os processos da editoria de Porto Alegre, trazendo também um resgate de onde entravam antes no jornal as reportagens com assuntos da capital gaúcha. Zero Hora chegou a ter cadernos de bairros, retratando assuntos apenas de regiões como Bom Fim, Moinhos de Vento e Lindóia. Desde 2017, o jornal possui uma editoria focada apenas em Porto Alegre, com editores, repórteres e assistentes trabalhando nestas pautas. No mesmo ano, foi criado também o site GZH, que reúne matérias de repórteres do jornal Zero Hora e da Rádio Gaúcha, além de textos de colunistas, como Jocimar Farina e Giane Guerra, que, inclusive, escreveram sobre a revitalização do viaduto em seus espaços.

Segundo Araújo (2024), ex-editor de Zero Hora e atual editor chefe do Diário Gaúcho, o localismo é a base do jornalismo dos veículos do Grupo RBS, empresa que é dona dos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho, além da Rádio Gaúcha, RBS TV e de rádios de entretenimento.

Para que se discuta o conteúdo veiculado sobre o viaduto, no entanto, é necessário promover uma reflexão sobre o urbanismo e sua relação com a prática jornalística. No capítulo 3, trouxemos autores como Nunes (2014), Bedran (2011) e Abreu (2018) para falar sobre a importância da participação dos jornais nos debates sobre urbanismo e cidades.

Ao longo dos anos, o viaduto foi assunto no jornal Zero Hora em diferentes reportagens. Além de falar sobre outras obras de revitalização do passado, como a última, em 2001, na gestão do ex-prefeito Tarso Genro, o viaduto também foi tema em pautas de Cultura e Segurança.

Levando em consideração esse cenário, o presente trabalho tem o objetivo de analisar como se dá a cobertura sobre uma das grandes obras estruturais de Porto Alegre pelo jornal Zero Hora. Antes da análise das reportagens selecionadas para este trabalho, que relatam a obra da mais recente revitalização, mostraremos outras discussões levantadas pelo veículo envolvendo o viaduto nos últimos anos. Para isso, separamos apenas matérias publicadas no site GZH na última década. Elas discutem desde ocupação irregular de comerciantes, moradores de rua que usavam a estrutura como abrigo a exposições de arte nas escadarias do viaduto.

No capítulo de análise das reportagens selecionadas, usamos o método da análise de conteúdo (Bardin, 2016), aplicada em 5 publicações do jornal Zero Hora em seu site, gzh.com.br, entre fevereiro de 2022 e abril de 2024 para encontrar características do jornalismo local, analisando os tipos de conteúdo que foram veiculados entre as categorias: 1) Pauta; 2) Fontes utilizadas; 3) Imagens; e 4) Conteúdos adicionais (hiperlinks, “leia mais” e tags).

Espera-se que o presente trabalho possa oferecer uma contribuição relevante no espaço de debate sobre urbanismo, cidades, obras públicas e gestão de espaços urbanos. Além da análise das reportagens selecionadas, esse trabalho não se limita apenas à narrativa factual das obras em si, mas também falaremos sobre o impacto social, econômico e cultural da revitalização. Com isso, propõe-se um olhar para o jornalismo local que analisa tópicos de urbanismo, cidades e infraestrutura pública.

2 JORNALISMO LOCAL

O presente capítulo tem como objetivo desvendar os conceitos de jornalismo local e discorrer sobre o impacto das novas tecnologias nesta prática. Durante a pesquisa, vimos que o tema, muitas vezes, é dividido em “jornalismo hiperlocal” e “jornalismo de proximidade”, o que explicaremos no primeiro subcapítulo. Além disso, pretende-se mostrar em que contexto esse tipo de jornalismo está inserido no que se produz no Rio Grande do Sul. O Estado lidera na região Sul em quantidade de veículos jornalísticos (Atlas, 2023). Contaremos como esse fenômeno ocorre, trazendo dados levantados por pesquisadores.

Por fim, antes de entrarmos no debate da cobertura do jornal Zero Hora sobre a mais recente revitalização do Viaduto Otávio Rocha, é importante resgatar a criação da editoria específica para pautas de Porto Alegre. Ela surgiu em 2017; é nesta sessão do jornal onde todas as recentes reportagens sobre o viaduto foram publicadas. Para contar isso, entrevistamos editores e um colunista do jornal Zero Hora que participaram e ainda fazem parte deste processo.

2.1 DIFERENÇAS ENTRE JORNALISMO HIPERLOCAL E JORNALISMO DE PROXIMIDADE

Por se tratar de um trabalho que aborda um ponto importante da capital gaúcha na sua cobertura jornalística, é imprescindível entendermos a própria concepção de jornalismo local. Na literatura da pesquisa jornalística, encontramos diferentes conceitos, como jornalismo local, hiperlocal e de proximidade. Esse debate influencia a própria dimensão do que está sendo produzido ou não e como isso impacta a construção jornalística sobre diferentes temas da cidade.

Dentro dessa esfera, como disséramos, surgiram diferentes abordagens, como o jornalismo local e hiperlocal (Fernandes; Lima, 2016) e o jornalismo de proximidade (Silva, 2023). Ambos buscam atender às demandas de suas audiências locais. No entanto, apresentam diferenças significativas em termos de escopo, abrangência e formas de produção. Neste capítulo, essas duas perspectivas serão

analisadas, exploradas características distintas e seus impactos na relação entre mídia e comunidade.

Figueiredo, Oliveira e Gouveia (2020) explicam que o jornalismo hiperlocal é uma forma de reportagem que se concentra em questões e eventos que ocorrem em áreas geograficamente pequenas, como cidades e até bairros de um município. Ele se caracteriza por uma cobertura extremamente localizada, com o intuito de servir a comunidades muito específicas. Segundo Bianchi e Júnior (2016, p.4), “a imprensa hiperlocal é uma forma de fazer jornalismo mais próximo da comunidade”. Um aspecto fundamental desta forma de praticar jornalismo é sua capacidade de envolver ativamente os membros de uma comunidade no processo de produção de notícias.

A vantagem do hiperlocal é a proximidade entre os leitores e a notícia. As informações são reproduzidas sobre um assunto que irá afetar mais um determinado público. Histórias sobre uma pessoa ou um lugar de determinado bairro chamam a atenção e são de maior interesse de um delimitado grupo de pessoas. (Bianchi e Júnior, 2016, p.5)

Por outro lado, o jornalismo de proximidade tem uma abordagem mais ampla em relação à cobertura hiperlocal. Em sua dissertação de mestrado, Maria Beatriz Pinto Silva (2023, p.24) diz que “notícias que são publicadas na imprensa regional resultam daquilo a que se chama de jornalismo de proximidade”. Uma característica do jornalismo de proximidade é sua ênfase na diversidade e na representação de diferentes grupos dentro da comunidade. Como no jornalismo hiperlocal, mesmo que com menos peso, o leitor ainda pode participar do processo de produção da reportagem.

O jornalismo de proximidade tem a capacidade de dar voz aos moradores e de mostrar a realidade do lugar em que vivem. É por meio dessa abordagem que as pessoas têm acesso a informações sobre política, economia, cultura, desporto e outros assuntos de interesse local. Além disso, o jornalismo de proximidade pode ajudar a fortalecer a identidade cultural das comunidades locais. Ao dar destaque às tradições, aos costumes e às histórias dos lugares, os jornalistas contribuem para a valorização da cultura e para o fortalecimento do sentimento de pertencimento. (Silva, 2023, p.24)

Embora o jornalismo hiperlocal e o jornalismo de proximidade compartilhem o objetivo comum de fornecer uma cobertura relevante e significativa para as comunidades locais, suas abordagens e ênfases são distintas. Enquanto o primeiro se concentra em micro comunidades específicas e valoriza a participação ativa dos moradores, o segundo adota uma perspectiva mais ampla e flexível, buscando atender às necessidades de uma audiência mais diversificada. Ambos os modelos podem ser chamados de jornalismo local, mas há essas distinções entre eles. Tanto um como o outro têm o potencial de fortalecer os laços entre mídia e comunidade, oferecendo uma cobertura jornalística mais relevante e contextualizada para os públicos locais. Cada abordagem possui suas próprias vantagens e desafios, e sua eficácia pode variar dependendo do contexto social, cultural e econômico em que estão inseridas.

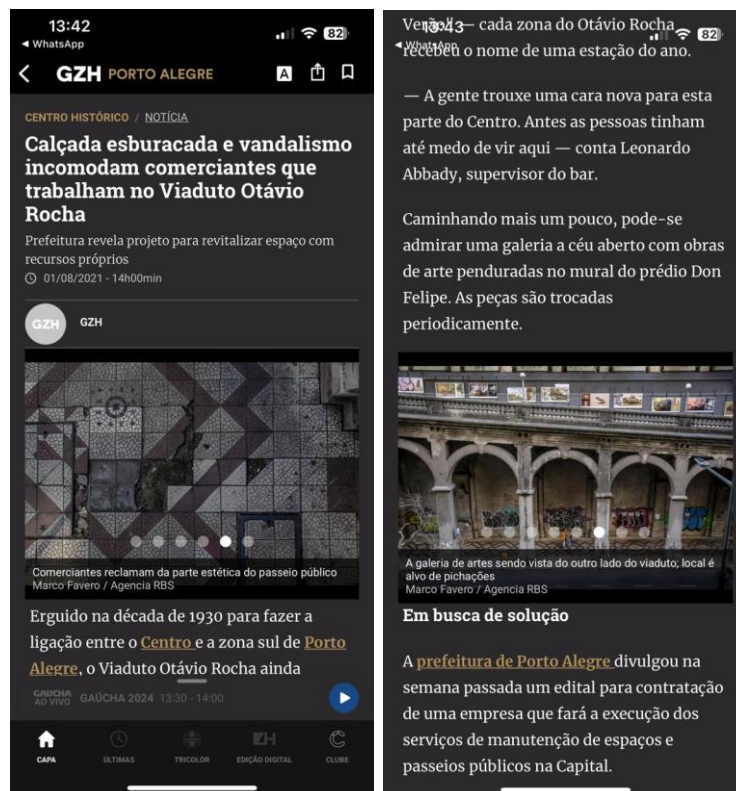
Uma das grandes tarefas do jornalista é reconhecer o que interessa a sociedade para a qual ele escreve. A partir disso, ele tenta narrar acontecimentos de forma clara e que interesse ao público. Na imprensa local, esse objetivo é o mesmo e é ainda mais específico. Cada cidade, cada bairro tem sua história, personagens e problemas. Por isso, é exigido do jornalista que ele se aprofunde sobre os assuntos deste local.

Este trabalho tem como objetivo analisar reportagens de um jornal que é o maior em número de tiragens no Rio Grande do Sul. Criado em Porto Alegre, o Zero Hora chegou a viver momentos de expressão nacional, porém, na última década, assumiu posição de foco em pautas regionais, sem deixar de dar o devido destaque para os factuais do Brasil e do mundo. O destaque para o jornalismo local também é praticado por outras marcas do Grupo RBS, dono do Zero Hora e também do Diário Gaúcho, da Rádio Gaúcha e da RBS TV (afiliada da rede Globo no Rio Grande do Sul). Nesta pesquisa, analisaremos reportagens do jornal Zero Hora publicadas em GZH, seu portal digital criado para unificar os sites do próprio jornal e da Rádio Gaúcha, que, na época, segundo o colunista Jocimar Farina (2024), “competiam entre si”.

O caso analisado neste estudo será a cobertura do jornal Zero Hora sobre a revitalização do Viaduto Otávio Rocha, conhecido cartão postal de Porto Alegre que no passado serviu para ligar a zona sul ao centro da cidade. Explicada as diferenças entre jornalismo hiperlocal e jornalismo de proximidade dentro do escopo do

jornalismo local, entende-se que a abordagem que o veículo dá é a de jornalismo de proximidade, por não tratar apenas de assuntos nichados, como pautas de bairros, mas também de assuntos relevantes para todo o Estado. No caso da cobertura sobre a revitalização do viaduto, poderia se dizer que é hiperlocal, por ser um assunto do bairro Centro Histórico, porém o monumento tem importância histórica para toda a cidade - e isso será desenvolvido no capítulo 3.

Figuras 1 e 2 - Reportagem sobre buracos em calçadas do Viaduto Otávio Rocha



Fonte: GZH (2021)

Além disso, de acordo com Stefano Santagada (2024)¹, editor da Zero Hora que editou algumas das matérias sobre o tema no jornal, o leitor pouco participa dos processos dentro do veículo - uma das principais características do jornalismo hiperlocal descritas por Bianchi e Júnior (2016). Raros são os casos em que isso acontece no veículo, como quando ele, o leitor, envia uma foto em que a equipe do próprio jornal não poderia ela mesma fazer. Todas as imagens usadas nas

¹ Entrevista de pesquisa concedida em 10 de março de 2024, na cidade de Porto Alegre

reportagens e colunas sobre o Viaduto Otávio Rocha foram feitas por fotógrafos e repórteres da Zero Hora.

Um jornal como o Zero Hora deve preservar por um conteúdo de qualidade. Não que as imagens que chegam pelo leitor sejam ruins, mas nossos fotógrafos, assim como os repórteres, são jornalistas. Dão um olhar único para a pauta. E com o equipamento adequado, valorizamos o conteúdo, tanto no jornal impresso como no site. (Santagada, 2024)

Para fim de pesquisa deste trabalho, usaremos o conceito de jornalismo local para falar sobre matérias de coberturas que o jornal faz no Estado do Rio Grande do Sul, mesmo que, com explicamos anteriormente, ele também se enquadre na categoria de jornalismo de proximidade.

2.2 JORNALISMO LOCAL NA ERA DIGITAL

O jornalismo local é fortemente afetado pelas transformações digitais e econômicas que afetam a própria gestão do produto jornalístico. Antes mesmo de discutir essas mudanças, é necessário lembrar que diferentes cenários desafiaram veículos jornalísticos nos últimos anos, principalmente na era digital. À medida que as tecnologias digitais redefiniram as formas de produção, distribuição e consumo de notícias, os veículos de comunicação locais enfrentam desafios, mas também enxergam oportunidades. Hoje, o conteúdo produzido por um jornal local no Nordeste brasileiro, por exemplo, pode aparecer na busca de um leitor do Sul - basta o algoritmo do Google fazer essa entrega.

Uma das características distintivas do jornalismo local é sua capacidade de fornecer informações contextualizadas e relevantes para as comunidades em que está inserido (Dantas; Rocha, p.11). Porém, com a força do digital, é possível que esse conteúdo chegue a outras regiões.

Com as novas possibilidades advindas nas redes sociais, surge ainda uma nova opção para a produção de notícias, voltadas especificamente para as ferramentas. Assim como o webjornalismo não deve simplesmente transpor o que era feito no impresso, o jornalismo nas redes sociais tem a possibilidade de atingir novos

públicos, através de novos formatos, não necessariamente substituindo o jornalismo nos sites, mas o complementando (Dantas; Rocha, 2016, p. 11).

Com o surgimento da internet e das redes sociais, o cenário midiático local passou por diversas mudanças. Barreiras de entrada para a produção de conteúdo foram reduzidas, permitindo que uma variedade de atores participassem do ecossistema midiático local. No entanto, isso acabou tirando força dos jornais impressos locais. Cidades que estão localizadas longe de centros urbanos são afetadas de forma negativa pela falta de informações locais, já que o público passou a se informar pela internet. Durante décadas, esse tipo de periódico se sustentou através de anúncios que tomavam todas suas páginas, poluindo até mesmo a capa. Porém, mesmo assim, entre tantas propagandas, havia informações sobre a sua cidade, desde a revitalização de uma praça até o perfil de um personagem conhecido no município. Nesse contexto, surgem os desertos de notícias (Barros, 2019), municípios que não têm nenhum veículo de informação local e que, em 2023, na última pesquisa feita pelo Atlas da Notícia, representavam mais de 26,7 milhões de brasileiros em 2.712 cidades (Atlas, 2023).

A falta de mídia local afeta os brasileiros que não têm esse acesso de diversas maneiras, desde a representatividade na TV (quantos brasileiros têm traços físicos semelhantes aos protagonistas de novelas, por exemplo) até em questões relacionadas à Comunicação Pública, como transparência nas tomadas de decisão governamentais, falta controle e participação social. (Barros, 2019, p.2)

A expansão do digital e a identificação de rádios comunitárias que produzem conteúdo noticioso impulsionou a redução dos desertos. Em comparação com o mapeamento anterior, de 2022, o Atlas da Notícia acrescentou mais 575 iniciativas nativas digitais e 239 rádios a sua base de dados. Agora, segundo o levantamento, há 5.245 veículos digitais e 4.836 rádios oferecendo notícias em seus canais. Juntos, os dois meios representam 70% do total de veículos mapeados pelo Atlas em 2023.

No Rio Grande do Sul, ainda há casos de veículos no interior que conseguem se manter com patrocínio de negócios locais e outras fontes para seguir focando em pautas e assuntos da região. São exemplos de grupos considerados sólidos no

interior: o Grupo Diário, de Santa Maria, que é dono do jornal Diário de Santa Maria, da Rádio CDN, do portal BEI e da TV Diário; e o Gazeta Grupo de Comunicações, em Santa Cruz do Sul, que já chegou a liderar em todos os segmentos em que atua na cidade (Gaz, 2017): jornal (Gazeta do Sul), site (Portal Gaz), e rádios AM e FM (Gazeta). Indo para o litoral gaúcho, outro veículo de expressão local é a Rádio Maristela, de Torres, de porte menor por não pertencer a um grupo midiático, embora tenha produção de reportagens para o seu site além da linguagem sonora. Embora a programação da rádio tenha foco no entretenimento, com programas musicais, há espaços reservados para notícias. Na mesma cidade, há o jornal A Folha de Torres, que é impresso. Com o tempo, o veículo soube se adaptar ao digital e hoje também publica reportagens em seu site. Todos esses citados sobrevivem de verba publicitária vinda de empresas das suas cidades e até do governo municipal.

Alguns desafios enfrentados pelo jornalismo na era digital são: o declínio das receitas de publicidade, a fragmentação do público e a concorrência com plataformas online (Aranha e Miranda, 2016), que têm colocado pressão financeira sobre as organizações de notícias locais, levando a cortes de pessoal e redução da cobertura.

Além disso, a disseminação de notícias falsas e desinformação online representam uma ameaça à credibilidade e confiança no jornalismo local. Diante desses desafios, é crucial que os veículos de comunicação locais adotem estratégias inovadoras para se manterem relevantes e sustentáveis na era digital. Isso pode incluir a diversificação das fontes de receita, como assinaturas digitais e eventos comunitários patrocinados, o investimento em jornalismo investigativo de alta qualidade e a ampliação da presença online por meio de plataformas de mídia social e aplicativos móveis.

O modelo de organização das empresas de comunicação tradicionais é financiado pela publicidade, que, ao longo do tempo, vem se pulverizando em novos suportes disponíveis, como a internet, e obriga as empresas tradicionais a se submeterem às exigências comerciais e estratégicas dos grandes monopólios patrocinadores da produção de conteúdo. As redes de interesses que sustentam esse modelo de negócio substituem a pauta de interesse público pela de interesse do mercado. (Aranha e Miranda, 2016, p.6)

Apesar deste estudo não entrar na seara das fake news, vale lembrar também que o crescimento de divulgação de notícias na internet trouxe um novo tipo de leitor: o que se informa apenas através das redes sociais (UFJF, 2023, site). Eles consomem fontes online, sem procedência, produzidas por qualquer um que tenha um celular, uma conta na rede social e um conteúdo para ser publicado. A facilidade para publicar e receber informações (e desinformações) na internet aproxima a comunidade entre si. Antes espectador, o receptor torna-se agora emissor da mensagem.

A facilidade de comunicar-se, às vezes de forma menos formal, faz com que os produtores de conteúdo individual ganhem força frente aos veículos tradicionais, que vêm perdendo engajamento nas redes sociais. Na capital gaúcha, o perfil Porto Alegre 24 Horas é exemplo de jornalismo hiperlocal nas redes sociais. Seus canais no Instagram, X (ex-Twitter) e Facebook se propõem a informar quase em tempo real sobre acontecimentos de Porto Alegre. As publicações, em formato de foto e vídeos, são acompanhadas de legendas curtas trazendo o contexto do conteúdo. Porém, não se sabe quem escreveu e como aquilo foi apurado.

Figura 3 - Publicação da página Porto Alegre 24 Horas no Instagram



Fonte: Instagram (2024)

A colaboração entre veículos de comunicação locais e organizações comunitárias pode ser uma maneira eficaz de enfrentar os desafios emergentes. Ao trabalhar em parceria, as organizações de notícias locais podem ampliar seu alcance, compartilhar recursos e fornecer uma cobertura mais abrangente das questões locais. Além disso, em sua dissertação de mestrado, Pinto (2020) lembra também que os smartphones tornaram-se peça fundamental na produção de conteúdo televisivo em veículos que praticam jornalismo local.

Com a câmera de um smartphone é possível fazer transmissões ao vivo via live streaming, gravar matérias, entrevistas e demais conteúdos para serem exibidos no telejornal ou simplesmente para alimentar as redes sociais referentes ao programa para o qual trabalha. (Pinto, 2020, p. 52)

Sendo assim, conclui-se que o cenário de transformação digital, portanto, afeta a produção de jornalismo local, tanto por veículos tradicionais quanto no surgimento de novas plataformas e no seu financiamento.

2.3 JORNALISMO LOCAL NO RIO GRANDE DO SUL

Compreendido o conceito de jornalismo local e ressaltadas as dinâmicas que a convergência digital traz consigo, é necessário lembrar o papel do jornalismo local no Rio Grande do Sul. Grande parte do conteúdo jornalístico produzido no Estado prioriza assuntos que acontecem dentro da sua fronteira ou com personagens gaúchos fora dela.

Foi assim desde os primórdios do jornal Correio do Povo, como descreve José Antonio Pinheiro Machado em entrevista com Breno Caldas, um dos grandes magnatas da imprensa gaúcha, no livro “Meio Século de Correio do Povo - Glória e agonia de um grande jornal” (1987). Caldas, herdeiro do fundador do jornal, Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, criou o Folha da Tarde, um jornal produzido e impresso durante a manhã para ser distribuído à tarde. O periódico foi criado em 1936, chegando a ter tiragem de 100 mil unidades 34 anos depois. Do Folha da Tarde, nasceu o Folha da Manhã, em um período em que a empresa tinha recursos e investia fortemente em jornalismo local.

A Folha da Manhã surgiu muito mais por iniciativa do pessoal que trabalhava na Folha da Tarde do que de mim próprio. Eu não mandei fazer. Eles é que tiveram a ideia, que evoluiu da antiga Folha Esportiva. A Folha Esportiva circulava às segundas-feiras pela manhã, tinha uma parte de noticiário geral, que foi o embrião da Folha da Manhã. (Caldas, 1987, p.86)

No livro “Olha a Folha - Amor, Traição e Morte de Um jornal”, que também resgata a história do Folha da Tarde, Galvani (2002) afirma que o declínio do jornal, na década de 1980, quando o grupo Caldas Júnior veio a falir, começou pela perda da originalidade do periódico, que era escrito durante a manhã e circulado durante a tarde. Em 1984, o Folha da Tarde parou de circular, junto com o irmão Correio do Povo. Dois anos depois, o Correio voltaria a ver a luz do dia após a venda da Companhia Caldas Júnior para o empresário Renato Ribeiro.

O Folha da Tarde deixou de ser, de fato, um jornal vespertino, na data da fusão com a Folha da Manhã, dia 24 de março de 1980. Manteve o título falso, como tantos outros jornais brasileiros, mentiroso. Por que *Folha da Tarde* se circulava de manhã? O engano e a traição levaram para longe os seus leitores. aos poucos sua tiragem que era de 55 mil jornais naquele período, continuou a cair e não ficaram nem os leitores tradicionais nem aqueles que deveriam, supostamente, herdar da Folha da Manhã (Galvani, 2022, p.11 e 12)

Após seu renascimento, o Correio do Povo adotou a fórmula do Folha da Tarde, que era impresso no formato tabloide - uma novidade no ano de seu lançamento, segundo Galvani. O sucesso, na década de 1930, fez com que concorrentes, como o Diário Popular, de Pelotas, e o A Razão, de Santa Maria, deixassem de lado o formato *standard*, de tamanho maior, usado ainda por muitos jornais brasileiros. O Zero Hora só seria criado em 1964, por Ary Carvalho. Após poucos anos, também adotou o formato tabloide, que foi mantido com a compra da empresa por Maurício Sirotsky, dono do Grupo RBS, em 1970. E é assim até hoje.

Apesar da importância histórica do jornal impresso, e da própria marca que esses veículos tiveram no jornalismo local no Rio Grande do Sul, é necessário lembrar, ainda, do protagonismo que outra mídia teve na cobertura de acontecimentos locais: o rádio.

Algumas emissoras são marcantes como grandes líderes na cobertura local. Esse é o caso de Passo Fundo, que conta com duas rádios jornalísticas que promovem jornalismo com foco na cidade e seus acontecimentos. Nesse nicho, recentemente, o Grupo RBS inaugurou uma nova redação, GZH Passo Fundo (GZH, 2023). Na cidade, é clássica a tradição da rádio Uirapuru, fundada em 1981, e ainda bastante popular na cidade, enfrentada pela Rádio Planalto, também forte no trabalho jornalístico. Também se evidencia o impacto da busca por oferecimento de informações locais na rádio CDN, de Santa Maria, citada no capítulo anterior. A estação foi afiliada da Rede Antena 1 entre 1996 até 2001, quando passou a transmitir como Rádio CDN (nessa época, a sigla significava Central Difusora de Notícias). A reestreia da Rádio CDN ocorreu às 7h de 30 de agosto de 2021 com o programa Bom Dia Cidade. Na mesma cidade, há a Rádio Gaúcha, com redação local, e a Rádio Imembuí, que conta com programação jornalística.

Há de se refletir sobre em que medida os impactos provenientes de um cenário marcado pela convergência midiática e de constante fluxo informacional, trará para emissoras locais situadas no interior. A maneira pelo qual se estabelecerá a dinâmica destas emissoras com o público receptor numa fase em que o áudio, embora seja determinante, se soma as potencialidades da web com transmissão em vídeo por redes sociais e portais próprios das emissoras, além do modo como se dá esta interatividade, está entre nossas inquietações, principalmente por conta das disparidades de acesso à tecnologia num mesmo estado federativo. (Lima e Del Bianco, 2020, p.14)

Apesar de o Rio Grande do Sul contar com esses diversos grupos midiáticos, e até jornais menores no interior, 41% dos municípios gaúchos não têm nenhum veículo jornalístico (Fontoura, 2023). Ainda assim, a última pesquisa do Atlas da Notícia, com dados de 2022, mostra que o Estado lidera na região Sul em quantidade de veículos, com 1.498. Pegando o recorte dos três Estados, veículos online são maioria frente aos tradicionais, superando as 1.273 estações de rádio. Essas, por sua vez, também tiveram um aumento frente ao último levantamento: 131 estações de rádio a mais. Neste número estão incluídas rádios comunitárias.

É comum que existam municípios cuja única fonte de informação local é uma rádio comunitária, que frequentemente publica conteúdo online, adicionalmente. Um exemplo disso pode ser visto na Rádio Vida Ciríaco, no Rio Grande do Sul. O site da emissora, ao contar

sua história, demonstra a importância local da estrutura. (Fontoura, 2023)

Mesmo que emissoras menores não tenham exigência legal de programação jornalística, como as rádios tradicionais, elas têm relevância em comunidades no interior, ainda mais em municípios menores e mais isolados. Portanto, a presença de veículos, mesmo que menores, é importante para que essas comunidades recebam informações que tenham relevância para elas.

2.4 A EDITORIA DE PORTO ALEGRE EM ZERO HORA

Até 2014, as notícias relacionadas a Porto Alegre no jornal Zero Hora eram produzidas por uma editoria chamada “Geral”. Diego Araújo, editor-chefe do Diário Gaúcho desde 2018, lembra que Zero Hora chegou a ter até cadernos de bairros. Antes da atual função, era ele quem comandava a editoria de Geral. Segundo o jornalista, chegaram a ser feitos 8 modelos de cadernos de bairros. Eles eram distribuídos duas vezes por semana. A escolha das regiões se baseava em projetos comerciais do Grupo RBS com empresas dos bairros a serem destacados. Em alguns exemplares, o caderno focava em apenas um bairro específico; em outros, o caderno trazia reportagens de toda uma região da capital gaúcha, como a Zona Norte e a Zona Sul, por exemplo. Entre as pautas, havia serviços para saúde e educação. Também eram publicadas reportagens mais longas contando a história de um personagem conhecido no bairro e até de negócios da região.

Na Geral, se trabalha com saúde, transporte, comportamento. Era uma gama de conteúdos que transversalmente passavam por Porto Alegre. Era uma das possibilidades dentro da editoria. Os cadernos de bairro eram o hiperlocalismo da Zona Sul à Zona Norte de Porto Alegre, passando por bairros como Bom Fim, Menino Deus, Jardim Lindóia e Moinhos de Vento. (Araújo, 2024)²

No artigo “O Processo Jornalístico do Jornal Zero Hora”, Felippi (2007) chamou de “localismo” o balizador das escolhas diárias dos editores de Zero Hora. A construção discursiva dada às pautas privilegia acontecimentos que tenham

² Entrevista de pesquisa concedida em 29 de maio de 2024, na cidade de Porto Alegre

relação com a região de abrangência da cobertura e circulação do jornal, buscando construir uma comunidade entre os seus leitores.

Zero Hora desenvolveu uma estratégia para sobrevivência mantendo-se focada no seu local de circulação, produzindo-se para um leitor “imaginado” do Rio Grande do Sul, que vai constituindo e sendo constituído pelo jornal. Organizou suas rotinas de produção noticiosa, seus valores-notícias e a cultura profissional particular do veículo em torno disso. (Felippi, 2007, p.98)

Passados 10 anos do artigo de Felippi, em fevereiro de 2017, o Grupo RBS criou a plataforma GaúchaZH, que depois passou a ser chamada de GZH (GZH, 2017). Ela unificou os sites Zero Hora e Rádio Gaúcha em um único portal para computadores e celulares. Neste período, também foi criada a editoria de Porto Alegre, com colunista, repórteres, editores e assistentes de conteúdo focados apenas em pautas sobre a capital gaúcha. Vemos que o fato de haver uma maior preocupação sobre apenas uma região do Estado mostra uma valorização do jornalismo como uma forma de aproximar os cidadãos do veículo e do local onde vivem.

O jornalismo local propicia um maior espaço para a participação do leitor ou ouvinte (Haussen, 2009). Lembramos que, no caso do jornal Zero Hora, o leitor não chega a produzir conteúdo, mas muitas das pautas vêm deles, através de sugestões vindas por e-mail, WhatsApp ou redes sociais (Araújo, 2024). A figura do editor existe, também, para avaliar essas sugestões. No livro “Poa: pessoas, olhares, amores”, Bruna Vargas, Cauê Fonseca, Jéssica Weber e Marcelos Gonzatto, repórteres que passaram pela editoria, reuniram um apanhado de reportagens sobre Porto Alegre feitas desde a criação da editoria específica para a cidade.

A editoria de Porto Alegre foi criada para ampliar a ligação dos veículos do Grupo RBS com a capital dos gaúchos. A editoria tem se destacado por aliar ao fazer crítico do jornalismo tradicional um olhar afetivo que nasce justamente de um contemplar de um poeta como Mário Quintana. São momentos assim que tiram o repórter da loucura que é trabalhar com um deadline apertado e o permite escapar da mesmice que o cotidiano nos impõe às vezes. (Vargas, 2022, p.7)

Enquanto contam novamente as histórias descritas nas reportagens publicadas em Zero Hora, os repórteres lembram do processo por trás do texto

pronto. Eles confirmam que muitas das pautas chegam por sugestões de leitores e até por discussões levantadas na internet sobre a cidade, confirmando o que dizem Santagada e Araújo. Portanto, conclui-se que a editoria de Porto Alegre é um exemplo prático de jornalismo local sendo feito no Rio Grande do Sul, onde se é colocado em prática o que abordamos neste presente capítulo.

3 O VIADUTO OTÁVIO ROCHA

Agora, entraremos de fato na discussão sobre o Viaduto Otávio Rocha e a cobertura sobre sua mais recente revitalização pelo jornal Zero Hora. Para isso, precisamos antes falar sobre urbanismo em Porto Alegre e suas transformações com o passar das décadas. Após a construção de grandes monumentos, como o próprio Viaduto Otávio Rocha, a ação do tempo e até atos de vandalismo praticados por indivíduos da comunidade trazem à tona a necessidade de obras de revitalização (Farina, 2024). A prefeitura e o governo do Estado lideram esse processo, mas ele pode ser demorado.

Entraremos também na discussão de quando o jornalismo fala sobre urbanismo. As duas matérias estão interligadas, diz Nunes (2014). É importante também resgatar a história do próprio Viaduto Otávio Rocha, contando porque ele foi construído entre as décadas de 1920 e 1930. De lá pra cá, esse importante equipamento urbano esteve presente nas páginas do jornal Zero Hora, nem sempre para falar sobre as obras de revitalização pelas quais passou. Além da necessidade de revitalizá-lo, o jornal também já escreveu sobre exposições de arte, negócios e brigas judiciais envolvendo o viaduto.

3.1 URBANISMO EM PORTO ALEGRE: TRANSFORMAÇÕES

A história urbana de Porto Alegre remonta aos tempos coloniais, quando foi fundada em 1772 (Filho, 2006). Inicialmente planejada em torno da Praça da Matriz, onde fica hoje o Centro Histórico, a cidade cresceu ao longo das margens do Lago Guaíba, aproveitando sua localização estratégica como centro comercial e administrativo da região.

A criação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) no Estado, em 1882, foi um ponto importante na dinâmica da construção civil de Porto Alegre. Símbolos do positivismo foram inseridos na arquitetura de prédios públicos, como lembra Souza (2006). Esses símbolos podem ser vistos ainda nos dias de hoje em prédios como a Intendência (atual Paço Municipal, construído entre 1898-1901), o Palácio Piratini (construído entre 1910-1921) e a Biblioteca Pública Estadual (construído entre 1912-1922). A permanência do PRR durou um longo período:

A política do PRR repercutiu no espaço urbano da Capital, seja pelo continuísmo administrativo de 1892-1937, seja pelo cientificismo, seja pelos princípios, onde a ordem e o progresso eram as aspirações fundamentais do governo. A estrutura física, a partir desse momento, passava a ser tratada lado a lado com a reestruturação da sociedade numa atitude quase utópica. Através da reformulação da estrutura urbana aparece a tentativa de mostrar que a ordenação dos espaços físicos representa o progresso de uma sociedade. (Souza, 2006, p.6)

Durante o século XIX, o crescimento foi impulsionado pela expansão da indústria e da agricultura, atraindo imigrantes europeus em busca de oportunidades. No início do século XX, Porto Alegre passou por uma série de transformações urbanas significativas. A chegada de novas tecnologias, como o bonde elétrico, permitiu a expansão dos limites da cidade e o surgimento de novos bairros residenciais. A arquitetura eclética da época, influenciada pelas correntes europeias e pelo modernismo, deixou sua marca na paisagem urbana, com edifícios públicos imponentes e elegantes residências.

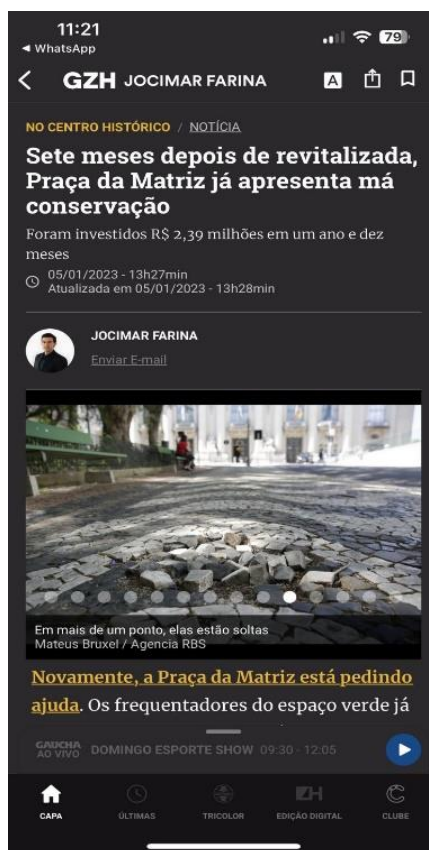
A questão da circulação era crucial para a adequação do sistema viário do centro às novas exigências de acessibilidade, mobilidade, conforto e acomodação das novas atividades e práticas urbanas, e envolvia a abertura de avenidas, desobstrução de becos, e a eliminação de obstáculos à livre circulação. O embelezamento envolvia a previsão de áreas verdes, arborização urbana e jardins, mas também a introdução de novos tipos de edifícios e o incentivo a uma nova imagem urbana, ancorada na morfologia das novas avenidas (Filho, 2006, p.60)

No período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, Porto Alegre viu um aumento na industrialização e urbanização, acompanhado pelo crescimento da população e pela necessidade de planejamento urbano mais eficaz (Filho, 2006). Em 1940, foi criado o Plano Diretor da cidade, visando organizar o crescimento urbano e melhorar a qualidade de vida dos habitantes. Este plano introduziu novos conceitos de zoneamento, infraestrutura e transporte, estabelecendo as bases para o desenvolvimento futuro da cidade. No entanto, o rápido crescimento populacional e a migração do campo para a cidade durante a segunda metade do século XX trouxeram desafios significativos para o planejamento urbano. O surgimento de favelas e áreas de ocupação irregular refletiu a falta de moradia adequada para a

crescente população urbana, enquanto o tráfego congestionado e a poluição tornaram-se problemas cada vez mais urgentes.

Nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI, Porto Alegre passou por uma série de iniciativas para enfrentar desafios urbanos e promover um desenvolvimento mais sustentável. Projetos de revitalização urbana, como a renovação da orla do Guaíba e a criação de áreas verdes em espaços públicos, visam melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, atrair turistas e reter talentos para o mercado de trabalho. Ampliação de calçadas e deques em frente a restaurantes foram implementados para aumentar a presença de pedestres em áreas abandonadas (WRI Brasil, 2017). Praças no Centro Histórico também entraram na pauta do governo municipal para serem revitalizadas. A praça Marechal Deodoro, também conhecida como Praça da Matriz, teve obra de revitalização concluída em 2022, mas poucos meses depois já havia necessidade de novos reparos (GZH, 2023).

Figura 4 - Reportagem sobre reparos na Praça da Matriz



Fonte: GZH (2023)

Já a última revitalização do Viaduto Otávio Rocha, assunto deste trabalho, está tendo um custo estimado em R\$ 13,7 milhões, captado com recursos recebidos da Corporação Andina de Fomento da América Latina (CAF) para recuperar a orla do Guaíba, que já teve dois de seus trechos revitalizados: o que começa na Usina do Gasômetro e vai até a rótula das cuias; e o que começa após o Anfiteatro Pôr do Sol e vai até o estádio Beira Rio. No projeto para este pedaço que ainda não foi revitalizado há projeto para construção de uma marina pública, espaço para eventos, quadras esportivas e um farol.

3.2 A HISTÓRIA DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA

O Viaduto Otávio Rocha é mais do que apenas uma passagem que leva pedestres à Rua Duque de Caxias. É um símbolo vivo da história, cultura e identidade de Porto Alegre (Silveira e Ribeiro, 2020). O viaduto teve suas raízes fincadas na primeira metade do século XX. Sua construção teve início em 1927 e foi concluída em 1932, sob a supervisão do engenheiro Lourenço Faoro.

O viaduto foi nomeado em homenagem ao intendente (prefeito) de Porto Alegre na época, Otávio Rocha, cuja gestão foi marcada por um período de desenvolvimento urbano significativo na cidade. A obra foi bancada também pelo governo estadual, que tinha na época Borges de Medeiros na figura do presidente do Estado (governador). A construção do viaduto foi um marco de engenharia para a cidade naquele período, lembra Volpatto no livro “Viaduto Otávio Rocha, Um Ícone da Porto Alegre Moderna” (2022). Com seus arcos de concreto e estrutura imponente, o Viaduto Otávio Rocha não apenas proporcionou uma passagem conveniente sobre o Vale do Rio Gravataí, mas também se tornou um símbolo de progresso e modernidade para Porto Alegre.

O desnível entre a rua Duque de Caxias e a avenida Borges de Medeiros daria oportunidade para o advento do ícone da cidade moderna, do primeiro viaduto da cidade, e faria assim a conexão entre regiões da cidade pelo qual se propunha com a abertura da via e ao mesmo tempo a transposição da cidade alta para a cidade baixa, encurtando o caminho e suavizando o desnível ao topo da colina, beneficiando toda a população. (Volpatto, 2022, p.48)

Desde sua inauguração, o Viaduto Otávio Rocha desempenhou um papel central na vida cultural e social de Porto Alegre. Ao longo dos anos, tornou-se um ponto de encontro popular para os porto-alegrenses, que se reuniam para desfrutar de eventos culturais, performances musicais e atividades sociais.

Antes da recente reforma que começou em 2021, o viaduto abrigava uma variedade de estabelecimentos comerciais, incluindo lojas de serviços de xerox, venda de discos de vinil e restaurantes, lembra Gomes (2015). Sua localização estratégica, no coração do centro da cidade, o tornou um destino popular para compras. No entanto, nos últimos anos, foi ocupado, também, pelo comércio irregular. Alguns usavam espaços que não eram destinados a lojas para vender peças de roupas usadas, por exemplo.

Em 2016, o viaduto foi incluído no Inventário Municipal de Bens Imóveis de Valor Histórico-Cultural de Porto Alegre, destacando sua importância como um marco histórico da cidade. No entanto, apesar de sua importância histórica e cultural, o Viaduto Otávio Rocha enfrentou diferentes desafios ao longo dos anos.

A deterioração estrutural, a falta de manutenção adequada e as mudanças nas tendências urbanas levaram a preocupações sobre o futuro do viaduto. Em resposta a esses desafios, surgiram esforços de renovação e revitalização do local. Projetos de requalificação urbana e revitalização do centro da cidade buscaram resgatar o potencial do Viaduto Otávio Rocha e melhorar a oferta de serviços no local.

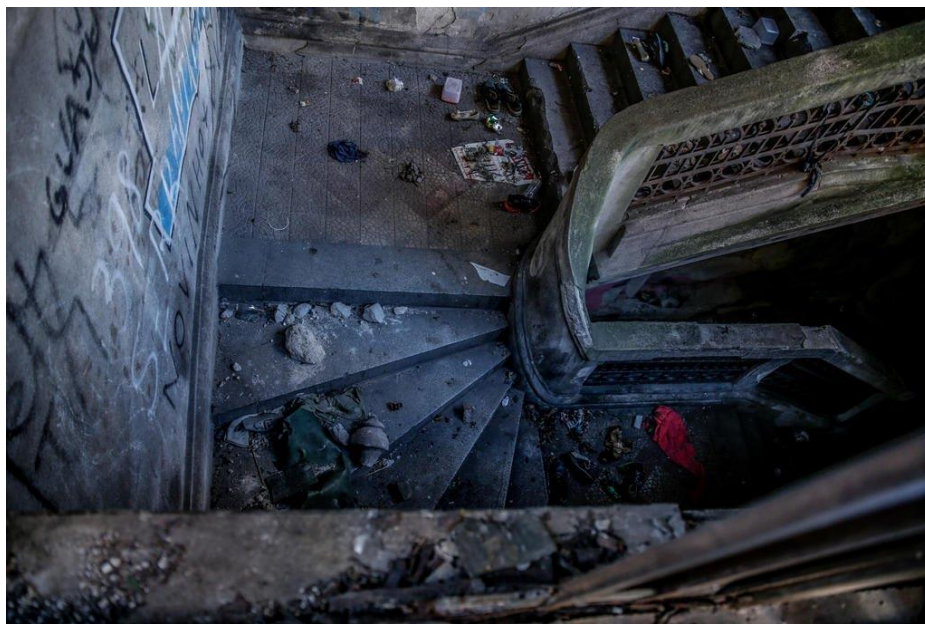
Além de seu papel como centro cultural e social, o Viaduto Otávio Rocha é reconhecido como um importante patrimônio cultural e arquitetônico de Porto Alegre. Em sua tese de doutorado, Filho (2006) lembra que a arquitetura distintiva e imponente do viaduto destacou-se frente a outras construções da época.

O projeto do engenheiro Manoel Itaquy alterou a diretriz inicial do Plano Diretor. Além do previsto alargamento da Rua General Paranhos, foi feito profundo corte em um lado do terreno, seguindo uma opção dada por Miel nas observações finais de seu relatório, com a construção de um viaduto na Rua Duque de Caxias, igualmente projetado por Itaquy. A abertura da Avenida Borges de Medeiros foi a obra de maior porte da gestão Otávio Rocha, embora o viaduto somente tenha sido inaugurado na administração Alberto Bins (em 1932) e a avenida só tenha sido completada na administração Loureiro da Silva (1943). (Filho, 2006, p. 63 e 64)

Poucos anos após a conclusão da obra do viaduto, seu entorno foi rapidamente sendo modificado. Casas baixas foram dando espaço para edifícios altos, que tinham incentivos fiscais da prefeitura para serem erguidos. Volpatto (2022) lembra que da mesma forma que a construção encantou os porto-alegrenses na época, ao longo das décadas foi se degradando devido à falta de manutenção.

O viaduto chegou a passar por algumas restaurações e intervenções para garantir sua preservação e segurança. Segundo a secretaria municipal de Obras da gestão de Sebastião Melo, a maior delas ocorreu entre 2000 e 2001, quando Tarso Genro foi prefeito (2000-2002) e restaurou por completo a estrutura para resgatar as características originais da obra. Na época, todas as 36 lojas foram revitalizadas, ganhando novos pisos, esquadrias e instalações elétrica, hidráulica e telefônica. No entanto, o viaduto ainda sofre com ações de vandalismo e depredação.

Figura 5 - Escadarias internas do Viaduto Otávio Rocha



Fonte: Marco Fávero (2021)

A falta do pertencimento talvez esteja na dificuldade de conviver com a degradação que se presencia no viaduto desde a metade do século XX. Começamos com a dificuldade de reconhecimento, pois o Viaduto Otávio Rocha, muitas vezes, não é reconhecido pelo seu próprio nome, sendo conhecido como viaduto da Borges. Embora exista esta resistência à apropriação, o viaduto, ao longo do tempo, foi tendo alguns espaços conquistados, sendo referência de épocas diversas, positivas e negativas, desde ponto de encontro, cenário

para fotos, lugar para suicidas e dormitório para dependentes químicos (Volpatto, 2022, p.196)

Apesar disso, o autor também lembra que o espaço foi usado como resistência durante a ditadura militar no Brasil, quando em um dos porões de um edifício em uma das rampas de acesso instalou-se em 1967 o Teatro de Arena, onde peças contra o regime eram apresentadas. Na mesma década, os espaços para lojas, construídos para esta finalidade, foram finalmente ocupados. No comércio, destacavam-se serviços como conserto de relógios e sapatos, além de sebos. Já no alto do viaduto, instalaram-se bares, assim como acontece nos dias de hoje.

No final de 2022, na gestão do prefeito Sebastião Melo (2021 - dias atuais), começou a mais recente obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha (Correio do Povo, 2022). Para o início dos trabalhos, foram retirados comerciantes que tinham negócios em espaços do viaduto. Segundo coluna da jornalista Giane Guerra (2023), alguns estavam regulares, ou seja, pagavam aluguel ao município, mas outros não. Os que fizeram acordo com a prefeitura transferiram suas operações para espaços nas proximidades com a promessa de voltar após a revitalização estar concluída. Na parte de cima, porém, há bares como o Justo e o Armazém Porto Alegre, que seguem abertos mesmo com a obra acontecendo.

Na intenção de manter o viaduto limpo e seguro após a revitalização, a prefeitura quer concedê-lo à iniciativa privada. Por isso, contratou a empresa São Paulo Parcerias, por R\$ 1,69 milhão, para fazer estudos de concessão do viaduto à iniciativa privada. Ao site GZH (2023), a secretária municipal de Parcerias, Ana Pellini, disse que os trabalhos seriam desempenhados ao longo de dois anos e, depois disso, a gestão municipal escolheria a empresa que ficará responsável pelo espaço. A concessionária poderá ser remunerada com o uso das lojas, com espaços para publicidade e realização de eventos.

Figura 6 - Imagem do projeto de revitalização do Viaduto Otávio Rocha



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre (2016)

Figura 7 - Imagem do projeto da revitalização do Viaduto Otávio Rocha



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre (2016)

Colunista de GZH, Farina (2024) ³ diz que um dos grandes problemas em obras públicas é a falta de manutenção por parte dos governos. Equipamentos públicos, como o Viaduto Otávio Rocha, vão se degradando desde sua construção, até ficarem sucateados, afirma. Com a pressão pública, o governo sai em busca de recursos. Depois, leva mais um tempo para a escolha da empresa responsável pela obra e para o desenvolvimento de projetos, até que a obra comece de fato.

³ Entrevista de pesquisa concedida em 5 de junho de 2024, na cidade de Porto Alegre

Falta de dinheiro, projetos malfeitos e crises no setor construtivo acabam interferindo no cronograma. Depois de anos, a obra é inaugurada devolvendo a beleza para a construção. Durante os próximos anos, o governo seguirá pagando pelo financiamento que garantiu a obra, mas não há previsão de investimento em manutenção. Com o passar dos meses, novos problemas surgem. Sem reparos, eles vão se tornando mais complexos (Farina, 2024)

Em Porto Alegre, durante a gestão de Nelson Marchezan Jr, foi aprovada uma lei que permitiu que espaços públicos pudessem ser adotados (Diesel, 2019). A empresa escolhida, que participa de uma seleção aberta, pode explorar comercialmente estes espaços. A partir da gestão de Sebastião Melo a lei entrou em vigor e permitiu que viadutos, travessas e outros locais pudessem receber esses reparos permanentes.

3.3 JORNALISMO E URBANISMO

O jornalismo e o urbanismo são campos aparentemente distintos, mas profundamente interligados (Nunes, 2014). Eles desempenham papéis fundamentais na configuração das sociedades contemporâneas. O urbanismo, como disciplina que estuda o planejamento, desenvolvimento e gestão das cidades, depende fortemente da informação para orientar suas decisões políticas, como projetos elaborados por governos e até da iniciativa privada - quando ele interfere no Plano Diretor de uma cidade, por exemplo. Os jornalistas, por outro lado, são observadores das cidades (Abreu, 2018). Eles investigam e relatam sobre questões que afetam diretamente a vida dos moradores, seja cobrindo políticas de transporte, de habitação, de meio ambiente ou de infraestrutura.

Além de informar, o jornalismo desempenha o papel de promover o diálogo e a participação da sociedade em questões urbanas. Por fornecer uma plataforma para diferentes vozes, os jornais podem amplificar as preocupações da comunidade e influenciar na tomada de decisões políticas. Os jornalistas, muitas vezes, atuam como mediadores entre os cidadãos e as autoridades municipais, ajudando a garantir que os interesses da comunidade sejam ouvidos e considerados. Eles desempenham um papel fundamental em investigar denúncias de corrupção, má gestão e injustiça social, garantindo que os responsáveis sejam responsabilizados e que as políticas públicas sejam transparentes.

Ao nos debruçarmos sobre as notícias de jornal, observamos diferentes processos de significação que constituem as metáforas urbanas. Os discursos institucionais fornecem as evidências ou as polêmicas a intervir em diferentes conjunturas. Enquanto espaços que escapam das instâncias governamentais oficiais, as metrópoles se apresentam como lugares de movimento, de instabilidade, de transformações, seja no âmbito nacional, com a criação das regiões metropolitanas, seja na conjuntura global de constituição de blocos regionais e de ações para o desenvolvimento sustentável e para o turismo e diversidade cultural. (Nunes, 2014, p. 1.176)

Um produto jornalístico que semanalmente traz assuntos ligados a urbanismo e planejamento de cidades é o Perimetral Podcast, de GZH. Os apresentadores entrevistam fontes de acordo com o tema do episódio. Quando discutiram o Plano Diretor da cidade, convidaram o secretário de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade, Germano Bremm na gestão de Sebastião Melo, e a presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento do Rio Grande do Sul (IAB-RS), Clarice Oliveira.

Porto Alegre é uma cidade confusa. É compacta e difusa ao mesmo tempo. Ao longo da história de seu planejamento, vimos vários planos diretores. Cada plano vem com um modelo de cidade. A cidade é a sobreposição desses planos. Temos que ver qual o público será atendido por essa densificação. Temos programas para o Centro Histórico, por exemplo, que prevê uma densidade, mas exclui a possibilidade de habitação de interesse social. Então, a população que mora nas periferias não é atendida por esse adensamento. (Perimetral Podcast, 2023)

Já quando debateram sobre como melhorar o trânsito de Porto Alegre, levaram o secretário de Mobilidade Urbana, Adão de Castro Júnior (também na gestão de Melo), e o diretor do programa de cidades do instituto WRI Brasil e PhD em transporte, Luis Antonio Lindau. Percebe-se um padrão na escolha dos convidados: uma fonte oficial da prefeitura e um pesquisador que faz o contraponto.

Dependendo do objetivo do Plano Diretor escolhido para uma cidade, parâmetros serão desenvolvidos de acordo com aquele modelo. Os parâmetros não vêm prontos. É preciso escolher quais são os parâmetros que serão definidos. Esse controle precisa passar pela participação social e pelos ritos que são exigidos por lei no estatuto da cidade. (Perimetral Podcast, 2023)

Saindo de Porto Alegre, outro exemplo de podcast jornalístico que aborda a temática do urbanismo é o Momento Cidade, produzido por alunos da Universidade de São Paulo (USP). Diferente do Perimetral, que tem episódios mais longos, o Momento Cidade se propõe a explicar os assuntos em apenas 10 minutos. Pela escolha deste formato, não há debate, priorizando uma narrativa envolvente com uma edição melhor trabalhada. No episódio 40, quando os alunos entrevistaram a pesquisadora Melissa Belato Fortes, foi discutido como as tecnologias de mobilidade podem transformar o desenho urbano de grandes metrópoles, como São Paulo.

Cidades voltadas a uma mobilidade urbana mais sustentável, que priorizam pedestres, ciclistas e o transporte coletivo têm estruturas diferentes das demais cidades, possuindo espaços urbanos convidativos às caminhadas, aos encontros, à permanência de pessoas, com espaços arborizados, fachadas ativas e centralidades urbanas. (Momento Cidade, 2021)

Bedran (2011) lembra ainda que reportagens sobre a cultura urbana, eventos locais, arquitetura, arte de rua e vida cotidiana ajudam a moldar a imagem pública das cidades e a influenciar a maneira como os moradores e visitantes as veem. Por outro lado, Abreu (2018) diz que o jornalismo também pode perpetuar estereótipos e preconceitos sobre certos bairros, comunidades ou grupos sociais, influenciando a percepção pública e as políticas urbanas.

A autora critica o uso de chavões em matérias e reportagens de televisão sobre ocupação de moradores sem-terra, como “terra de ninguém”, que, segundo ela, seria uma expressão usada em guerras para designar territórios não ocupados e sob disputa. Portanto, segundo ela, os jornalistas teriam a responsabilidade de abordar questões urbanas com sensibilidade, garantindo uma representação mais inclusiva das comunidades.

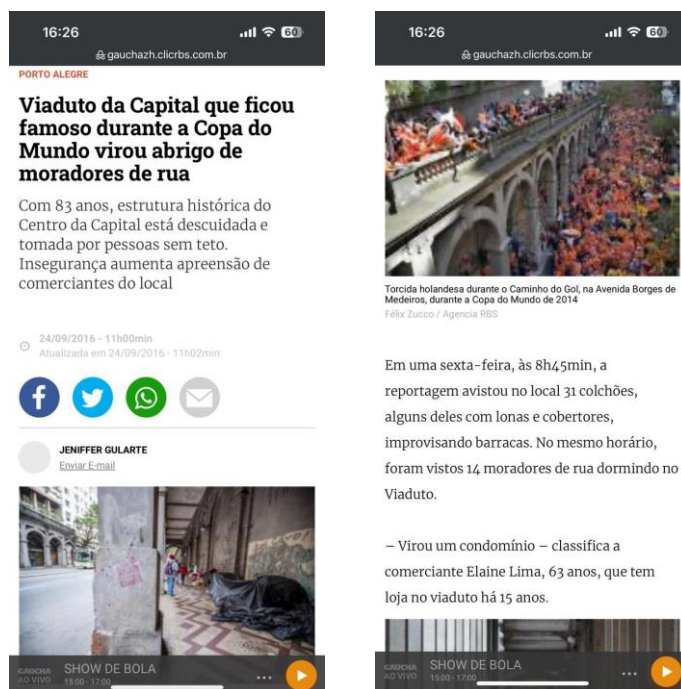
3.4 O VIADUTO OTÁVIO ROCHA NO JORNAL ZERO HORA

Como destacamos anteriormente, o Viaduto Otávio Rocha está presente na discussão histórica de Porto Alegre. Como tal, não pode deixar de aparecer nos debates impressos em veículos de comunicação analógicos ou digitais. Como destacamos anteriormente, o Viaduto Otávio Rocha está presente na discussão histórica de Porto Alegre. Como tal, não pode deixar de aparecer nos debates

impressos em veículos de comunicação analógicos ou digitais. Neste subcapítulo, trataremos alguns exemplos de reportagens do jornal Zero Hora publicadas em seu site, onde o viaduto é o protagonista das pautas antes mesmo de começar sua mais recente reforma em 2022.

Em 2016, a repórter Jeniffer Gularte relatou no jornal Zero Hora que o Viaduto Otávio Rocha já chegou a ser usado por moradores de rua. Na ocasião, havia 31 colchões embaixo das marquises do viaduto. O gancho usado por ela foi a popularidade que a estrutura teve durante a Copa do Mundo em 2014 e o descaso que ela se encontrava dois anos depois. Segundo a repórter, imagens da torcida da Holanda caminhando pela Avenida Borges de Medeiros circularam pelo mundo. Na ocasião, os holandeses usaram o caminho aberto entre 1927 e 1932 para sair do Centro Histórico e ir em direção à Zona Sul, onde a seleção do país jogaria uma partida no estádio Beira Rio. A reportagem conversou com comerciantes que reclamavam da presença dos moradores de rua, fazendo com que o movimento em seus negócios diminuísse. Na reportagem, é descrito que dos 36 espaços comerciais que o viaduto possui, 8 eram ocupados por entidades e associações e 16 por lojas e estabelecimentos.

Figuras 8 e 9 – Reportagem sobre moradores de rua no Viaduto Otávio Rocha



Fonte: GZH (2016)

Moradores de rua abordados pela reportagem, que não quiseram se identificar, comentam que o Viaduto é um lugar bom e seguro para se ficar. A técnica social e pedagoga Patrícia Mônaco, integrante da Central de Abordagem da População em Situação de Rua da FASC, explica o fluxo de moradores de rua no Viaduto Otávio Rocha aumentou devido ao crescimento da violência envolvendo o tráfico de drogas, que força pessoas ameaçadas a saírem dos bairros e irem para o Centro. (Gularte, 2016)

Regressando ao ano da Copa do Mundo, em 2014, antes do surgimento do portal GZH, o site do jornal Zero Hora usou do recurso de galeria de fotos para chamar a atenção do leitor para uma novidade no viaduto: grafites “3D” estampados em um prédio ao lado do Hotel Everest. Na manchete, o editor (s/n, 2014) optou por começar com a palavra “Fotos” para depois revelar o título da matéria. Em seu conteúdo, a reportagem de apenas cinco parágrafos situa onde foi feita a arte, quem a fez, quem pagou e o motivo de ter sido feita.

Sete anos depois, tintas no Viaduto Otávio Rocha voltaram a ser assunto no jornal Zero Hora. Em setembro de 2021, Jocimar Farina publicou na sua coluna um dado sobre pichações no viaduto. Na ocasião, eram 747 em toda a estrutura de 270 metros de comprimento. O levantamento foi feito pela Secretaria Municipal de Planejamento e Assuntos Estratégicos (SMPAE), em um momento onde a prefeitura havia começado a limpar o viaduto junto e usar tinta cinza para tapar alguns rabiscos. Como Farina lembra, o Ministério Público do Rio Grande do Sul (MP-RS) solicitou algumas informações à prefeitura.

A reclamação que chegou na promotoria do Meio Ambiente é que a pintura usada não teria aprovação prévia da Equipe do Patrimônio Histórico Cultural (EPAHC). Menciona também que o revestimento do viaduto é argamassa do tipo “cirex”, que não deveria receber pintura. A SMPAE informa que não estava ocorrendo uma revitalização. A pintura tem o objetivo, apenas, de retirar o aspecto de sujeira e abandono até a realização da intervenção maior, que está sendo elaborada. (Farina, 2021)

No ano seguinte, entre a discussão sobre a revitalização do viaduto cada vez mais presente, Zero Hora (2022) publicou uma pequena reportagem sobre uma mostra de fotografia realizada em um espaço do viaduto. A matéria, sem assinatura de um repórter, explica que as fotografias expostas foram feitas com celulares. Em 7

parágrafos, o conteúdo apurado, em grande parte, veio de uma entrevista com o idealizador do projeto, Ricardo Rojas. No final do texto, há um pequeno espaço para uma fala de Rojas. Na sequência, a reportagem conclui lembrando que exposições como essa já passaram pelo espaço, no entanto, não há nenhuma chamada para resgatar esses acontecimentos.

Figura 10 – Reportagem sobre exposição de arte no Viaduto Otávio Rocha



Fonte: GZH (2022)

Fazendo um resgate histórico, uma reportagem de André Malinoski (2022) contou a história de 5 importantes obras do passado que mudaram o urbanismo de Porto Alegre. Uma delas é o Viaduto Otávio Rocha, que foi elencado junto com o Cais do Porto, a Canalização do Arroio Dilúvio, a Antiga Ponte do Guaíba e a Terceira Perimetral. A matéria já abre com uma foto do Viaduto Otávio Rocha durante sua construção. Há uma introdução geral para o conteúdo da reportagem. Depois, em quatro longos parágrafos, Malinoski resgata o contexto urbanístico de Porto Alegre na época em que se discutia a construção de um viaduto que ligaria a

zona sul ao centro da capital gaúcha (GZH, 2022). A reportagem descreve apenas até a entrega da obra, em 1932. Chega a citar a última revitalização da estrutura entre 2000 e 2001, mas não lembra que uma nova começaria a ser feita naquele mesmo ano.

Poucos dias após o anúncio do início da mais recente obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha, uma reportagem de Laura Becker (2022) em GZH informou que a prefeitura havia retomado a posse de 5 lojas ocupadas irregularmente no viaduto. Isso permitiria que finalmente a obra de revitalização começasse. Segundo a gestão municipal, em 3 desses espaços funcionavam comércios. Outros 2, com acesso para as escadas internas, eram utilizados como moradia.

No próximo capítulo, analisaremos com maior detalhamento como o veículo cobriu a revitalização do viaduto ao longo da gestão de Sebastião Melo em Porto Alegre, iniciada em 2021.

4 ANÁLISE

Dada a importância sobre a discussão do Viaduto Otávio Rocha para Porto Alegre e para o jornalismo na cobertura das questões urbanas, faremos agora a análise de reportagens produzidas pelo jornal durante a cobertura sobre a mais recente revitalização do viaduto. Neste capítulo, explicaremos a metodologia empregada durante a pesquisa. Também falaremos como chegamos no número das reportagens analisadas e separaremos categorias de análise. Por fim, faremos um balanço do que foi descrito durante a parte de análise.

4.1 A METODOLOGIA DE TRABALHO

No presente trabalho, temos o objetivo de analisar reportagens veiculadas pelo jornal Zero Hora sobre o Viaduto Otávio Rocha, um dos símbolos do debate sobre urbanismo e sociedade na atualidade. Para tanto, se optou pela análise de materiais veiculados no site GZH entre fevereiro de 2023 a abril de 2024, intervalo de tempo caracterizado pela gestão do prefeito Sebastião Melo.

Para fazer esta análise, escolhemos utilizar o método da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). Trata-se de uma técnica de pesquisa que visa identificar e analisar padrões de significado dentro de um conjunto de dados, seja ele qual for. Seu objetivo principal é extrair informações relevantes e compreender os contextos presentes nos materiais analisados.

O método pode ser compreendido como “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (Bardin, 2016, p. 15), com objetivo de explorar os sentidos e significados atribuídos por participantes de estudos qualitativos a respeito de um tema, problema ou fenômeno, a partir da sistematização de:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p. 46).

Segundo Minayo (2014), a análise de conteúdo pode ser aplicada em pesquisas sociais, humanas e educacionais por pesquisadores que buscam compreender significados da fala, transpondo os critérios de objetividade das palavras e, diante da inferência, construir uma interpretação ampla e conexão com o referencial teórico a partir do tratamento de dados que visam identificar o que está sendo dito a respeito do objeto de estudo. Após a seleção dos dados da pesquisa, constituem-se informações que podem ser confrontadas com as que já existem, permitindo estabelecer comparações e identificar a recorrência entre um considerável número de dados produzidos (Gil, 2008).

Bardin (2016) diz que a codificação (transformação de dados brutos do texto) é um dos pontos mais importantes da pesquisa. A partir de algumas regras, podemos alcançar respostas que representam as características do conteúdo analisado. A codificação pode ser compreendida em três fases:

- a) recorte - escolha das unidades de contexto;
- b) enumeração - escolha das regras de contagem;
- c) classificação e agregação - escolhas de categorias.

Ao analisar a obra de Bardin, Valle e Ferreira (2024) dão destaque ao processo de categorização, que se refere a um agrupamento de elementos que se conectam por suas características em critérios definidos antecipadamente. Bardin diz que “a partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias”.

A análise de conteúdo (AC), compreendida como um conjunto de técnicas que busca a compreensão dos sentidos manifestos pelos sujeitos participantes de uma pesquisa, dos documentos analisados, entre outras formas de expressão, tem se apresentado como um dos métodos mais empregados nos estudos no âmbito educacional. (Valle e Ferreira, 2024, p. 4)

Para fins de realização deste trabalho, vamos analisar 5 reportagens veiculadas no site de GZH / Zero Hora. Para chegar neste número, adotamos alguns critérios, visando alcançar o melhor resultado da análise:

1. Filtramos reportagens encontradas na página da tag “viaduto otávio rocha” no site de GZH. Segundo Assis (2009), as tags (“etiquetas” em inglês) são “palavras que ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas”. Em GZH, a tag que usamos para fazer essa filtragem é obrigatória para reportagens sobre o Viaduto Otávio Rocha, afirma Santagada (2024), editor do veículo.
2. Com intuito de analisar apenas textos feitos por repórteres, descartamos as reportagens publicadas por colunistas. Entre eles, o que mais acompanhou o assunto foi Jocimar Farina, já citado nesta pesquisa. A escolha se deu porque textos de colunistas em GZH não passam pela leitura de editores, sendo revisados e publicados diretamente por quem os escreveu. Como demos destaque neste trabalho à editoria de Porto Alegre, que trabalha desde a escolha da pauta, apuração, escrita do texto até a revisão do editor, analisaremos apenas reportagens feitas por este núcleo do jornal. Também descartamos matérias feitas apenas para divulgação de episódios de podcasts, como é o caso do Perimetral, já citado no capítulo 3.3. São pequenos textos sem assinatura de repórter que resumem o conteúdo do áudio.
3. Por fim, analisaremos apenas reportagens publicadas a partir do início da mais recente revitalização do Viaduto Otávio Rocha, começando por dezembro de 2022 e indo até a data de conclusão deste trabalho. A única exceção será a reportagem de Laura Becker publicada em novembro de 2022 sobre a retomada da posse por parte da prefeitura de Porto Alegre de cinco lojas ocupadas irregularmente no viaduto, já citada no capítulo anterior. Apesar do episódio ter ocorrido quando a empresa Concrejato Serviços Técnicos de Engenharia - contratada para fazer a revitalização - já ter colocado tapumes no viaduto, as obras, de fato, começaram um mês depois (Farina, 2022).

Para saber qual a abordagem do veículo sobre essa cobertura, vamos analisar nesta pesquisa algumas categorias que permitem identificar a mensagem textual, visual e os temas abordados:

1. **Pauta:** Neste tópico analisaremos o que provocou a pauta. Se foi um factual da época da publicação ou se era algo contextualizado, como uma reportagem maior, “consolidada”, como diz Araújo (2024) sobre reportagens que trazem mais dados e entrevistam um número maior de fontes;
2. **Fontes utilizadas:** Seguindo o tópico anterior, também analisaremos as fontes utilizadas nas reportagens, como comerciantes do viaduto, a empresa Concrejato Serviços Técnicos de Engenharia e a própria prefeitura de Porto Alegre;
3. **Imagens:** GZH, como um veículo digital, costuma usar imagens em suas reportagens. Em alguns casos, fotos, em outros, vídeos. Quando há um volume maior de fotos que agregam ao conteúdo da matéria, o jornal chega a usar o recurso de “galeria de fotos”, que é uma seleção de imagens sobre a pauta, em sequência, acompanhadas de legendas;
4. **Conteúdos adicionais:** GZH usa uma série de ferramentas para tentar manter o leitor em seu site. Um deles é o **hiperlink**. Pacheco (2021) explica que são frases ou palavras sublinhadas e coloridas que aparecem em textos publicados na internet. Ao clicar sobre elas, o leitor é direcionado para outra página que aborda um conteúdo relacionado ao tema em questão. Outro recurso extra usado por GZH é o **“leia mais”**. Trata-se de uma barra onde são colocadas de duas a três reportagens que tenham ligação editorial com a reportagem que está sendo lida. Por fim, daremos atenção também às **tags**, já citadas anteriormente neste trabalho. São palavras-chave encontradas no final dos textos para classificar os assuntos abordados na reportagem. Elas são pré-determinadas por uma lista divulgada internamente entre os editores. Seu uso deve ser feito com parcimônia (Santagada, 2024), sendo utilizada apenas para organizar as reportagens nas páginas de cada tag.

Nos seguintes capítulos, usaremos cada tópico para fazer a análise das reportagens selecionadas visando compreender a abordagem dos repórteres, assim como os elementos textuais e visuais das reportagens publicadas em GZH.

4.2 AS REPORTAGENS ESCOLHIDAS

As 5 reportagens escolhidas foram publicadas entre fevereiro de 2023 e abril de 2024. Todas falam sobre o andamento da obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha, iniciada no final de 2022. A primeira matéria a ser analisada descreve alterações na circulação de pedestres em calçadas da Avenida Borges de Medeiros, por onde passa o viaduto. Em fevereiro de 2023, o repórter Roger Silva detalhou que um corredor improvisado havia sido desfeito para “evitar acidentes com possível queda de materiais dos andaimes”. Sendo assim, a orientação da prefeitura de Porto Alegre era para que as pessoas atravessassem para o lado oposto da via. No entanto, pedestres seguiam usando o lado bloqueado, dividindo espaço com os carros passavam na faixa da Avenida Borges de Medeiros.

Figura 11 – Reportagem de Roger Silva (fevereiro de 2023)⁴



Fonte: GZH (2023)

⁴ No dia 21 de junho, enquanto esse trabalho ainda estava em desenvolvimento, o aplicativo de GZH mudou de layout

No texto “Usina, quadrilátero, Esqueletão: veja como está o andamento de sete grandes projetos no centro de Porto Alegre” (2023), Gonzatto abre a reportagem com dois parágrafos preparando o leitor para uma longa prestação de contas da prefeitura de Porto Alegre sobre o andamento das principais obras que ocorriam no Centro Histórico na época. No caso do viaduto, que aprofundaremos mais adiante, foram detalhados o percentual da obra, o valor do investimento e se havia atraso.

Figura 13 – Reportagem de Marcelo Gonzatto (outubro de 2023)



Fonte: GZH, 2023

Em janeiro de 2024, o repórter Jônatha Bittencourt voltou a cobrar a prefeitura sobre os prazos da obra. Na reportagem publicada em GZH, a Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura, que coordena a reforma, admitiu que a entrega, antes prevista para o mês de maio, poderia ser adiada. Ao repórter, o titular da pasta, André Flores, disse que o cronograma seria reavaliado “nos próximos dias”.

Em abril, a prefeitura admitiu que a obra atrasaria em cinco meses. Essa notícia foi dada em outra reportagem de Bittencourt. À GZH, o secretário André Flores prometeu que as escadas do viaduto seriam liberadas aos pedestres “nos próximos dias”. Já o passeio público levaria mais um mês. Nenhuma dessas entregas foi feita até a publicação deste trabalho.

Figuras 14 e 15 - Reportagens de Jônatha Bittencourt (janeiro e abril de 2024)



4.3 OBRAS NO VIADUTO OTÁVIO ROCHA ALTERAM CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES DA AVENIDA BORGES DE MEDEIROS - EM 17 DE FEVEREIRO DE 2023

Neste subcapítulo analisaremos a reportagem “Obras no viaduto Otávio Rocha alteram circulação de pedestres da Avenida Borges de Medeiros”. O texto foi escrito pelo repórter Roger Silva e publicado em 17 de fevereiro de 2023.

4.3.1 Pauta

A pauta da reportagem publicada no dia 17 de fevereiro de 2023, com texto do repórter Roger Silva, aborda um problema enfrentado durante a execução da obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha. É um tema factual, por se tratar de algo que aconteceu naquele período.

O repórter explica que, com a retirada de resíduos da estrutura, havia risco de queda de materiais sobre a Avenida Borges de Medeiros, onde foi feito um corredor

para pedestres criado para substituir a calçada interditada no sentido bairro – Centro. A Secretaria Municipal de Obras e Infraestrutura (Smoi) disse que o caminho ficaria bloqueado por 60 dias “para garantir maior agilidade e segurança aos processos feitos no vão inferior do viaduto”. Sendo assim, os pedestres deveriam usar o outro lado da rua para avançar em direção ao Centro Histórico. Na ocasião, esse lado ainda não passava por obras.

4.3.2 Fontes utilizadas

Pelo menos quatro fontes foram utilizadas para escrever esse texto. Uma delas foi o secretário de Obras, André Flores, que ganhou duas aspas na reportagem. Na primeira citação, Flores explica que foi colocada uma sinalização para os pedestres utilizarem o outro lado da rua e alertou para os riscos de seguirem tentando caminhar por aquele local. Na segunda aspa, o secretário projeta os próximos passos da obra, prometendo também que em nenhum momento a passagem para carros seria bloqueada.

A segunda fonte utilizada foi Gabriel Gonçalves, um pedestre que caminhava na região do viaduto enquanto o repórter esteve no local para apurar a pauta. Em sua fala, ele diz que, para não ter que atravessar a rua, prefere se arriscar e andar no lado não recomendado pela prefeitura. Outro pedestre entrevistado, Roberto Ramalho, reclamou da então novidade, dizendo que seria ainda mais perigoso do que antes. Por fim, a última fala é de um comerciante que tem negócio na esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Rua Jerônimo Coelho. O entrevistado diz que o bloqueio daquele lado da avenida fez com que o fluxo de clientes diminuísse em sua loja.

Sumarização das fontes:

- André Flores, secretário municipal de Obras de Porto Alegre
- Gabriel Gonçalves, frequentador do Centro Histórico
- Roberto Ramalho, pedestre que passava pela região no momento da apuração da reportagem

4.3.3 Imagens

Foram utilizadas 8 imagens nesta reportagem. Elas estão elencadas em uma galeria de fotos no começo da matéria. As fotos foram feitas pelo fotógrafo Mateus Bruxel, de GZH e Zero Hora.

A **primeira foto** foi tirada no nível da Rua Duque de Caxias, mostrando o avanço da obra por cima do viaduto. Na imagem, conseguimos ver carros e um caminhão passando pela Avenida Borges de Medeiros. Também vemos uma parede com uma arte pintada, que chegou a ser notícia em GZH anteriormente, o que citamos no capítulo 3.4. No lado direito da foto, aparece também o Teatro de Arena.

A **segunda** foto é mais escura. Ela mostra um trabalhador da Concrejato de roupa azul e capacete amarelo subindo a escadaria do viaduto em um dos lados.

A **terceira imagem**, diferente das outras, está na vertical. Ela mostra o antigo corredor que era usado pelos pedestres, que passou para o lado interno dos tapumes que dividem a obra da faixa de carros. Também conseguimos ver um pedestre andando pela faixa de carros. Por ele, acabou de passar um veículo de cor branca.

A **quarta imagem** mostra os tapumes colocados em volta da obra do viaduto com pichações. Também mostra mais pedestres dividindo a faixa com carros.

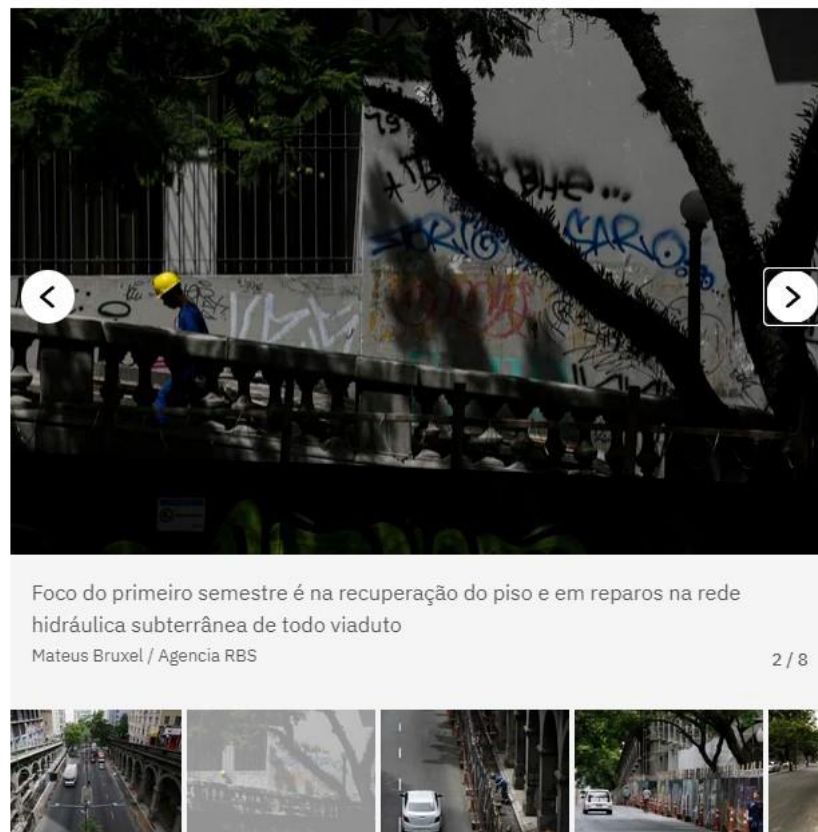
A **quinta foto mostra** uma placa azul e outra de cor branca que sinalizam para que os pedestres utilizem o outro lado da rua. Ao fundo, aparece mais um pedestre utilizando a faixa para carros.

A **sexta foto** mostra os mesmos elementos da quarta imagem da galeria. A única diferença é que há uma mulher atravessando a rua.

A **sétima imagem**, também feita por cima, do nível da Duque de Caxias, mostra mais pedestres caminhando na faixa de carros. O enquadramento dessa imagem é mais fechado, mostrando também os andaimes na parte de dentro da obra.

Por fim, a **oitava imagem da galeria** mostra o início do corredor feito para pedestres no outro lado da rua, na esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Rua Fernando Machado. Há placas e cavaletes para fazer as sinalizações.

Figura 16 – Galeria de fotos na reportagem de Roger Silva



Fonte: GZH (2023)

4.3.4 Conteúdos adicionais

Hiperlinks: O texto conta apenas com dois hiperlinks. Eles estão no primeiro parágrafo, destacando as palavras “Centro Histórico” e “Porto Alegre”. Ao clicar no primeiro hiperlink, somos levados à página da tag “centro-histórico”. Já ao clicar no segundo hiperlink, somos encaminhados à página com reportagens da editoria de Porto Alegre.

Leia mais: Nesta reportagem, o “leia mais” foi colocado após o terceiro parágrafo. Há três matérias em destaque. A primeira fala sobre a revitalização de um parque de Porto Alegre; a segunda chamada é uma coluna da jornalista Rosane de Oliveira que fala sobre uma reunião entre o prefeito Sebastião Melo e o governador Eduardo Leite para discutir uma possível mudança de endereço da rodoviária de Porto Alegre; por fim, a terceira matéria sendo chamada fala sobre a organização do evento de Carnaval de Porto Alegre em 2023.

Tags: No final da reportagem, aparece o destaque para tags. Neste caso, foram usadas 4. Além da tag “viaduto otávio rocha”, foram usadas as tags “centro histórico”, “prefeitura de porto alegre” e “galeria de fotos”. Ao clicar na tag do viaduto, somos encaminhado a reportagens sobre o monumento, como descrevemos anteriormente. Na tag sobre o Centro Histórico, a mesma coisa, mas com matéria sobre a região central da cidade. Na tag sobre a prefeitura, há matérias envolvendo a gestão municipal. Já a tag “galeria de fotos” é usada em matérias que contam com galeria de fotos. Segundo Santagada (2024), é uma forma do veículo organizar essas publicações para chamá-las na capa do site de GZH.

4.4 VIADUTO OTÁVIO ROCHA: REVITALIZAÇÃO CHEGA A 20%, E PRIMEIRO TRECHO DEVE SER ENTREGUE EM DEZEMBRO - EM 20 DE SETEMBRO DE 2023

Neste subcapítulo analisaremos a reportagem “Viaduto Otávio Rocha: revitalização chega a 20%, e primeiro trecho deve ser entregue em dezembro”. O texto foi escrito pelo repórter André Malinoski e publicado em 20 de setembro de 2023.

4.4.1 Pauta

Na ocasião, GZH voltou a questionar a prefeitura de Porto Alegre sobre o andamento da obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha. Na reportagem, Malinoski divulgou que 20% da obra tocada pela empresa Concrejato já estava pronta. Naquela ocasião, a prefeitura trabalhava com a previsão de entregar um primeiro trecho finalizado até dezembro de 2023, o que ainda não aconteceu até junho de 2024. O texto de Malinoski diz que Concrejato estava fazendo a restauração de portas, ajustes na rede hidráulica e pluvial dos espaços para lojas, impermeabilização da escada que desce da Rua Duque de Caxias em direção à Borges de Medeiros, no sentido bairro-Centro, e a aplicação de um produto antipichação nas paredes para proteger contra possíveis ações de vândalos.

4.4.2 Fontes utilizadas

Em todo o texto escrito por Malinoski, apenas duas fontes foram utilizadas. Quem mais tem espaço na reportagem é novamente o secretário municipal de Obras, André Flores. Todas as informações sobre a obra foram obtidas com ele, que ganhou 6 falas em destaque ao longo da reportagem. Apenas no final do texto uma segunda fonte aparece. É o prestador de serviço Henrique Batezini, que trabalha na obra. A fala dele, no entanto, não agrega em nada. Batezini apenas diz que por estar trabalhando na revitalização, está fazendo “parte da história”.

Sumarização das fontes:

- André Flores, secretário municipal de Obras de Porto Alegre
- Henrique Batezini, prestador de serviço da Concrejato

4.4.3 Imagens

Nesta reportagem, pela primeira vez, vemos o uso de um **vídeo** para mostrar o avanço da obra. As imagens foram produzidas pelo próprio repórter Malinoski. Não há informação de quem fez a edição. O vídeo, de apenas 37 segundos, mostra operários trabalhando nas escadarias do viaduto.

Figura 17 – Vídeo na reportagem de André Malinoski

A **lavagem do cirex** (que reveste o viaduto) também já foi executada em alguns espaços por funcionários da empresa Concrejato Serviços Técnicos de Engenharia. Um produto antipichação foi aplicado na estrutura, para proteger contra possíveis ações de vândalos.



Em relação às obras de arte, andaimes estão montados para o restauro das esculturas localizadas nos pontos mais elevados. Por enquanto, isso acontece apenas no lado em processo de revitalização. Os balaústres serão limpos com cirex e passarão por reparos e substituições quando apresentarem danos maiores.

Fonte: GZH (2023)

Já as **13 imagens da galeria de fotos**, que está na abertura da reportagem, foram feitas pelo fotógrafo Jonathan Heckler.

A **primeira** mostra operários trabalhando no começo da escadaria do viaduto, na esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Rua Fernando Machado. Há uma pilha de entulhos na parte de baixo da foto, que está um pouco desfocada.

A **segunda foto** foi tirada na parte de dentro dos tapumes, mostrando tijolos expostos nas paredes do viaduto. Há 2 funcionários da Concrejato fazendo algo que parece ser uma medição. A imagem também mostra tijolos empilhados que serão usados na obra.

A **terceira foto** mostra que o piso histórico da escadaria, em direção à Rua Duque de Caxias, havia sido retirado. A imagem mostra pedras, equipamentos e o chão com uma camada de cimento. Ao fundo, mais um operário aparece.

A **quarta imagem** foi feita dentro de uma das lojas que estava sendo reformada. É a primeira vez que vemos esse tipo de foto nas reportagens analisadas, ou seja, que revele o interior das lojas após a retirada dos comerciantes.

A **quinta foto**, feita na Rua Duque de Caxias, mostra novamente o avanço da obra na escadaria que desce para a Rua Fernando Machado. Nesta parte, não há equipamentos nem pedras empilhadas, como na terceira imagem.

A **sexta imagem** mostra os mesmos elementos da anterior, mas de outro ângulo. Um trabalhador da Concrejato está colocando uma espécie de manta no chão, onde há pregos.

A **sétima foto** revela como estava ficando a restauração de escadas internas do viaduto, que até então estavam bloqueadas para pedestres. Ainda há muita sujeira, mas vemos que uma camada de tinta branca foi passada na estrutura.

A **oitava foto** mostra portas de madeira que foram retiradas das lojas e passariam por reparos. Elas estão deitadas por cima das outras. Também receberam camadas de tinta branca.

A **nona imagem** mostra uma parte do viaduto onde a obra ainda não havia começado. As paredes ainda estão com pichações e o piso ainda não havia sido retirado.

A **décima foto**, com um enquadramento fechado, mostra o prestador de serviço Henrique Batezini analisando a planta do viaduto em um ambiente fechado da obra.

A **décima primeira** foto mostra novamente como estava a escadaria interna, mas por outro ângulo. Nesta parte, a obra parece ainda não ter chegado. Nas paredes, vemos mais pichações.

A **décima segunda** imagem mostra andaimes usados para restaurar as paredes do viaduto. No canto da foto, vemos um trabalhador passando uma camada de argamassa em uma das colunas do viaduto.

Por fim, para fazer a **décima terceira** imagem, Heckler se posicionou no meio das duas faixas de carros na Avenida Borges de Medeiros. A foto mostra uma visão ampla de como estava o viaduto dos dois lados. Na ocasião, a obra acontecia apenas na metade dele, no lado direito (sentido bairro-Centro).

4.4.4 Conteúdos adicionais

Hiperlinks: Novamente, no primeiro parágrafo, as palavras “Centro Histórico” e “Porto Alegre” estão destacadas. Ao clicar, somos levados para a página da tag sobre o Centro Histórico e para a página com matérias da editoria de Porto Alegre.

No terceiro parágrafo, quando diz que o viaduto foi inaugurado em 1932, há um hiperlink que nos leva para uma coluna de Ricardo Chaves resgatando a inauguração do viaduto na época.

No quinto parágrafo, quando é falado sobre a retirada dos comerciantes antes da obra começar, há um link que nos leva para uma reportagem sobre o assunto, escrita por Roger Silva e publicada em 9 de julho de 2022.

Mais adiante, no parágrafo antes do vídeo, quando é citada a lavagem do cirex, um hiperlink nos leva para a coluna da Jocimar Farina sobre pichações no Viaduto Otávio Rocha, já citada anteriormente nesta pesquisa.

Outro hiperlink usado foi quando é dito o nome do veículo, GZH. Ao clicar nele, voltamos para a capa do site.

Dois parágrafos depois, há um hiperlink quando é falado sobre uma base da Guarda Municipal que será instalada no viaduto depois que a reforma for concluída. Ele nos leva para uma reportagem de 27 de fevereiro que cita essa novidade.

Leia mais: Diferentemente da reportagem anterior, nesta, o Leia Mais aparece apenas após o quarto parágrafo. Nele, há apenas uma matéria em destaque, escrita por Paulo César Teixeira e que relembra a construção do viaduto entre as décadas de 1920 e 1930. Avançando mais na reportagem de Malinoski, achamos outro “leia mais”. Esse bloco está cinco parágrafos abaixo do vídeo e conta com duas reportagens em destaque. Uma delas fala sobre os 50 anos do Parque Itapuã, em Viamão. A outra relembra catástrofes que o Mercado Público de Porto Alegre enfrentou até então, como a enchente de 1941 e o incêndio em 2013.

Tags: Quatro tags aparecem no final do texto: “centro histórico”, “viaduto otávio rocha”, “galeria de fotos” e “vídeo”, sendo essa última a única novidade em comparação com a matéria analisada anteriormente. Santagada (2024) diz que o motivo de ser colocada a tag é o mesmo da “galeria de fotos”.

4.5 USINA, QUADRILÁTERO, ESQUELETÃO: VEJA COMO ESTÁ O ANDAMENTO DE SETE GRANDES PROJETOS NO CENTRO DE PORTO ALEGRE - EM 27 DE OUTUBRO DE 2023

Neste subcapítulo analisaremos a reportagem “Usina, quadrilátero, Esqueletão: veja como está o andamento de sete grandes projetos no centro de Porto Alegre”. O texto foi escrito pelo repórter Marcelo Gonzatto e publicado em 26 de outubro de 2023.

4.5.1 Pauta

Desta vez, o Viaduto Otávio Rocha não é protagonista da pauta. Na reportagem, Gonzatto faz um serviço com dados e atualizações das principais obras que estavam acontecendo no Centro Histórico na ocasião. Além do viaduto, o repórter atualizou o andamento das seguintes obras: Quadrilátero Central (agrupamento de ruas e avenidas do bairro); Usina do Gasômetro, na orla do Guaíba; da Caixa Cultural (prédio do antigo Cine Imperial); demolição do prédio conhecido como “Esqueletão”, na Rua Marechal Floriano Peixoto; Cais do Porto

(revitalização); e um prédio da construtora Melnick na Rua Duque de Caxias (ainda em análise na prefeitura, se aprovado, seria o maior de Porto Alegre).

Em sua reportagem, Gonzatto abre a reportagem dando o contexto da pauta e trazendo o dado de quanto essas obras custariam se fossem somadas. O valor chega a R\$ 424 milhões de investimento no bairro. Na ocasião, o viaduto passou a estar com 26% da obra concluída.

4.5.2 Fontes utilizadas

Novamente, a reportagem de GZH usou o secretário municipal de Obras, André Flores, como principal fonte. O texto abre com o dado do valor do investimento, citado anteriormente. Grande parte deste aporte vem do governo, como é o caso da revitalização do viaduto e da demolição do Esqueletão, bancadas pela prefeitura, ou da futura obra no Cais Mauá, que será paga pelo governo Estadual. O que foge disso é o projeto do que seria o maior prédio de Porto Alegre, a ser construído na Rua Duque de Caxias pela construtora Melnick, que não quis informar o valor do investimento à reportagem.

Quando começa a detalhar separadamente de cada obra, o repórter optou por organizar as informações em listas. Sendo assim, não há parágrafos. As categorias são: o que é (a obra); início (da obra); previsão de término (da obra); o que está sendo feito; percentual de conclusão; custo; e se há atraso.

Sumarização das fontes:

- André Flores, secretário municipal de Obras de Porto Alegre

4.5.3 Imagens

A reportagem faz uso de 8 imagens. Logo na abertura do texto há uma foto genérica de prédios do centro de Porto Alegre feita pelo fotógrafo Mateus Bruxel. A ideia talvez seja ilustrar que a pauta é sobre o bairro da Capital. Logo adiante, cada tópico tem uma imagem que casa com a obra comentada. O Viaduto Otávio Rocha é o primeiro a ser descrito, acompanhado de uma foto atualizada da estrutura em obras. A imagem foi feita pelo lado direito da escadaria (sentido Centro-bairro). Além

de mostrar os tapumes e andaimes no nível da Avenida Borges de Medeiros, no lado direito vemos um poste de luz danificado.

Todas as imagens da reportagem foram feitas por Bruxel, a não ser a do prédio da Melnick, que é uma renderização que está no projeto apresentado à prefeitura.

Figura 18 – Foto na reportagem de Marcelo Gonzatto

Reforma do Viaduto Otávio Rocha



Recuperação da estrutura teve início no ano passado.

Mateus Bruxel / Agência RBS

- **O que é:** recuperação da estrutura do viaduto, inaugurado em 1932 e tombado como patrimônio histórico cultural em 1988.
- **Início:** 24/11/2022.
- **Previsão de término:** maio de 2024.
- **O que está sendo feito:** recuperação de salas do lado ímpar, continuidade das melhorias no cirex (espécie de *argemonea*, cujo trabalho foi atrapalhado pelas chuvas)

Fonte: GZH (2023)

4.5.4 Conteúdos adicionais

Hiperlinks: Há apenas dois hiperlinks nessa reportagem. Um deles está logo no primeiro parágrafo, sublinhando as palavras “Usina do Gasômetro”. Ao clicar, somos encaminhados para a página da tag “usina do gasômetro”. O segundo hiperlink está na última linha do texto. Trata-se de uma chamada para uma outra reportagem que fala sobre o mesmo assunto.

Leia mais: A reportagem não usou este recurso.

Tags: Foram utilizadas as tags “centro histórico”, “cais mauá”, “usina do gasômetro” e “quadrilátero central”. Nota-se o esquecimento da tag sobre o Viaduto Otávio Rocha. No entanto, como explicado no capítulo sobre a metodologia desta pesquisa, escolhemos esta matéria por ela estar sendo chamada na outra reportagem de Gonzatto sobre obras no Centro Histórico. O editor também não usou a tag “Melnick” para falar sobre o empreendimento da construtora. Ao pesquisá-la em GZH, vemos que a página é abastecida com frequência para falar sobre essa e outras pautas envolvendo a empresa privada.

4.6 COM ENTREGAS JÁ ATRASADAS, SECRETARIA DE OBRAS ADMITE POSSIBILIDADE DE ADIAR CONCLUSÃO DA REFORMA DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA – EM 12 DE JANEIRO DE 2024

Neste subcapítulo analisaremos a reportagem “Com entregas já atrasadas, Secretaria de Obras admite possibilidade de adiar conclusão da reforma do viaduto Otávio Rocha”. O texto foi escrito pelo repórter Jônatha Bittencourt e publicado em 12 de janeiro de 2024.

4.6.1 Pauta

Passados quase três meses desde a reportagem anterior de GZH/Zero Hora sobre o Viaduto Otávio Rocha, o veículo cobrou novamente a prefeitura de Porto Alegre. O executivo municipal informou ao repórter Jônatha Bitencourt que entregas parciais, prometidas para o final de 2023, começariam a ser feitas a partir de fevereiro de 2024. Na ocasião, a prefeitura admitiu pela primeira vez que poderia haver atraso na entrega total da obra, que estava prevista para maio de 2024.

4.6.2 Fontes utilizadas

Foram utilizadas 4 fontes nesta reportagem. O secretário municipal de Obras, André Flores, foi novamente o porta-voz da prefeitura para falar sobre o assunto. Ele tem destaque em toda a primeira parte da reportagem, que fala sobre o cronograma da obra.

Mais adiante, o texto mostra que Bittencourt conversou também com Carlos Dutra, dono de uma banca de revistas instalada na esquina da Rua Jerônimo Coelho com a Avenida Borges de Medeiros. O empresário reclamou que a demora na obra estava afetando o movimento de clientes. Além dele, o repórter também entrevistou o confeitiro Alésio Borges de Oliveira, que alertou sobre o risco de pessoas que seguiam caminhando pela faixa usada por carros. Ainda no final da reportagem, Bittencourt deu fala a outro dono de banca de revista. Clóvis Antônio Fernandes da Silva tem seu negócio na esquina da Borges de Medeiros com a Fernando Machado, no lado contrário do outro entrevistado. Clóvis, no entanto, fez a mesma reclamação. Acrescentou ainda que na última reforma não demorou muito para vândalos depredarem o espaço recém reformado.

Sumarização das fontes:

- André Flores, secretário municipal de Obras de Porto Alegre
- Alésio Borges de Oliveira, confeitiro
- Carlos Dutra, dono de uma banca de revistas
- Clóvis Antônio Fernandes da Silva, dono de banca de revistas

4.6.3 Imagens

O texto abre com uma foto de Anselmo Cunha que mostra um operário trabalhando na obra de revitalização do viaduto em cima de um andaime. No meio do texto, há uma **galeria de fotos com 5 imagens**, também feitas por Cunha:

A **primeira foto** da galeria mostra a banca do comerciante Carlos Dutra na esquina da Rua Jerônimo Coelho com a Avenida Borges de Medeiros. Ela fica em frente ao Hotel Savoy.

Para fazer a **segunda imagem**, o fotógrafo se posicionou na faixa de carros da direita (sentido Centro-bairro). A imagem mostra tapumes com pichações no outro lado. Uma pessoa caminhava na faixa para carros.

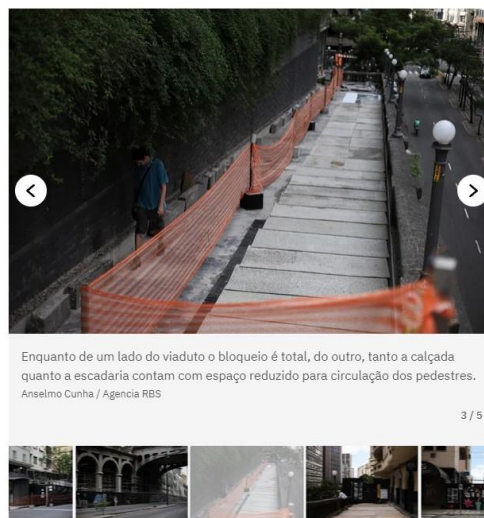
A **terceira foto**, tirada do alto, pela Rua Duque de Caxias, mostra o andamento da obra na escadaria que vai para a Rua Jerônimo Coelho. Há um corredor criado para a passagem de pedestres.

A **quarta imagem** mostra o andamento da obra na escadaria do outro lado do viaduto, onde fica o restaurante Armazém Porto Alegre. O chão está com tapumes. Ao fundo, o caminho que leva para a Jerônimo Coelho está bloqueado.

Por fim, **a última foto** mostra um tapume que bloqueia o acesso ao viaduto pela Rua Duque de Caxias, ao lado do antigo Hotel Everest. No tapume, há mais pichações.

Figura 19 – Galeria de fotos na reportagem de Jônatha Bitencourt (janeiro de 2024)

a revitalização chegar ao fim.



Quem caminha pela Borges de Medeiros só tem um dos lados do viaduto à disposição. Isso porque o outro conta

Fonte: GZH (2024)

4.6.4 Conteúdos adicionais

Hiperlinks: O recurso do hiperlink é utilizado apenas no sexto parágrafo, quando é citado que um dos lados do viaduto seria liberado até dezembro de 2023. Ao clicar, somos direcionados para uma coluna do jornalista Jocimar Farina, que foi quem deu a informação na época.

Leia mais: O leia mais aparece após o quarto parágrafo, com 3 matérias em destaque. A primeira é uma publicação usada para chamar um episódio do podcast Perimetral em que o Viaduto Otávio Rocha era a pauta principal. A segunda chamada do Leia Mais é uma coluna da jornalista Giane Guerra que fala sobre a reclamação de comerciantes do viaduto que pediam um cronograma atualizado das

obras. A terceira matéria sendo chamada é uma coluna de Jocimar Farina onde é dito que a reforma do viaduto ficaria R\$ 1,15 milhão mais cara do que o previsto.

Tags: Além das tags já usadas anteriormente, como “viaduto otávio rocha”, “centro histórico” e “galeria de fotos”, esta é a primeira vez que vemos a tag “obras públicas”. Ao clicar nela, somos direcionados à página da tag, que é abastecida com frequência com reportagens de obras a nível municipal, estadual e federal.

4.7 CONCLUSÃO DA REFORMA DO VIADUTO OTÁVIO ROCHA DEVE OCORRER COM CINCO MESES DE ATRASO, INFORMA PREFEITURA – EM 12 DE ABRIL DE 2024

Neste subcapítulo analisaremos a reportagem “Conclusão da reforma do Viaduto Otávio Rocha deve ocorrer com cinco meses de atraso, informa prefeitura”. O texto foi escrito pelo repórter Jônatha Bittencourt e publicado em 12 de abril de 2024.

4.7.1 Pauta

Novamente, ficou com o repórter Jônatha Bittencourt a missão de cobrar a prefeitura sobre o avanço das obras do Viaduto. Em abril de 2024, a um mês do fim do prazo inicial para a conclusão da revitalização, a prefeitura disse que a obra atrasaria em cinco meses, ficando pronta em outubro. O lado que seria liberado para pedestres em fevereiro ainda não havia ficado pronto. À reportagem de GZH, a Secretaria de Obras informou que os trabalhos aconteceriam, inclusive, durante as madrugadas para acelerar a obra.

4.7.2 Fontes utilizadas

O texto não deixa claro se a informação sobre o atraso veio através de um comunicado da Secretaria de Obras ou do próprio secretário André Flores, como nas outras reportagens. Há apenas um momento onde é resgatada uma fala dele que já estava na matéria publicada em janeiro de 2024, onde ele promete entregas parciais antes do fim da obra total. Perto do fim do texto, Bittencourt diz que o secretário André Flores comentou novamente sobre essas entregas. O chefe da pasta disse

que as escadas seriam liberadas “nos próximos dias”, mas que o passeio público (parte de baixo) levaria mais um mês.

Sumarização das fontes:

- André Flores, secretário municipal de Obras de Porto Alegre

4.7.3 Imagens

Foi utilizada apenas uma foto nesta reportagem, que está posicionada logo no começo do texto. Tirada por Jonathan Heckler, a foto mostra um funcionário da Concrejato segurando um equipamento usado para quebrar o piso da escadaria do viaduto. A imagem foi feita próxima à Rua Duque de Caxias. Na ocasião, metade do piso já havia sido retirada.

4.7.4 Conteúdos adicionais

Hiperlinks: No terceiro parágrafo há dois hiperlinks. Um deles sublinha uma frase que fala sobre o contrato assinado com a empresa Concrejato. Ao clicar nele, somos direcionados para a coluna que Jocimar Farina fez em julho de 2022 quando o contrato foi assinado. No mesmo parágrafo, há um hiperlink que nos leva para uma reportagem de Roger Silva que fala sobre reintegração de posse no período em que comerciantes não queriam deixar o viaduto.

Figura 20 – Uso de hiperlinks na reportagem de Jônatha Bitencourt (abril de 2024)



Fonte: GZH (2024)

No parágrafo seguinte, é usado novamente hiperlink. Desta vez, para resgatar a reportagem anterior de Bittencourt quando o secretário André Flores admitiu que poderia haver atraso na entrega da obra.

No sexto parágrafo, quando é citado que o cronograma já havia sofrido alterações, um hiperlink nos leva à coluna da Jocimar Farina que informa que o valor da obra ficaria R\$ 1,15 milhão mais caro do que o previsto.

No sétimo parágrafo, outra matéria de Jocimar Farina é chamada através de um hiperlink. Desta vez, foi uma publicação onde o colunista informou que um termo aditivo no contrato diz que a reforma da estrutura estaria custando R\$ 17,27 milhões. Antes, o valor era de R\$ 13,7 milhões.

No final do texto de Bittencourt, a mesma coluna de Farina é chamada novamente em um hiperlink de outro parágrafo.

Leia mais: Nesta reportagem, o leia mais fica após o terceiro parágrafo. Três matérias estão em destaque. A primeira é a coluna de Jocimar Farina citada anteriormente, que fala sobre a alteração do valor da obra. A segunda matéria sendo chamada é novamente a coluna da Giane Guerra sobre a reclamação de comerciantes sobre um cronograma de obras atualizado. A terceira reportagem no “leia mais” é o texto do Marcelo Gonzatto citado anteriormente, que fala sobre o andamento de obras no Centro Histórico com investimento somado de R\$ 424 milhões.

Tags: Há apenas duas tags no texto: “centro histórico” e “viaduto otávio rocha”

4.8 O QUE AS CATEGORIAS DIZEM SOBRE AS REPORTAGENS ANALISADAS

Quando falamos sobre pauta, vemos que 4 das 5 reportagens analisadas são prestações de serviço aos leitores sobre o andamento da obra do Viaduto Otávio Rocha. Apenas a primeira reportagem, de Roger Silva, aborda um factual da época, quando a prefeitura retirou um corredor de pedestres no lado onde a obra estava ocorrendo.

Ao entrevistar pessoas que passavam pelo local, Silva registrou o descontentamento de dois frequentadores da região com a novidade. Apenas pela leitura do texto não há como saber de que forma a pauta foi levada à editoria. Por se

tratar de um caso onde há reclamações, é possível que um leitor sugeriu ou algum repórter e/ou editor passou pelo local e viu a situação. Nas pautas de Malinoski, Gonzatto e Bittencourt, há uma cobrança do veículo à prefeitura sobre o avanço da obra de revitalização.

Falando sobre fontes, assim como Silva, todos os repórteres usam o secretário municipal de Obras, André Flores, como fonte principal. Em 4 das 5 reportagens analisadas, além dele, os repórteres entrevistam outros personagens, como comerciantes e pedestres que passavam pelo local. Malinoski inovou ao falar com um trabalhador da obra, que o acompanhou durante a apuração da reportagem, mas deu pouco destaque a ele na reportagem. Já Bittencourt, na última matéria analisada, usou o secretário de Obras como sua única fonte para trazer a informação - de que a obra atrasaria -, sem ouvir pessoas que seriam diretamente impactadas por este adiamento, como comerciantes do viaduto.

Quando analisamos as imagens das 5 reportagens, vemos que todas utilizam materiais produzidos pela equipe de fotógrafos de GZH/Zero Hora. Há fotos feitas por Mateus Bruxel, Jonathan Heckler e Anselmo Cunha. Em 3 reportagens, vemos o uso de galeria de fotos acompanhadas de legendas em cada foto. Nas reportagens de Silva e de Malinoski, notamos que algumas imagens mostram os mesmos elementos de outras, inclusive na mesma reportagem. Sendo assim, não apresentam nenhum conteúdo diferente ao leitor.

Apenas na reportagem de Malinoski há um vídeo. No entanto, ele é curto e mostra apenas uma pequena parte da obra. Em 37 segundos, o vídeo feito pelo próprio repórter apresenta operários trabalhando na calçada de uma das escadarias do viaduto.

Na categoria de “conteúdos adicionais”, foi onde vimos maior irregularidade entre as reportagens analisadas. Há uma média de 3 a 4 tags por reportagem. Quando há galeria de fotos ou vídeo, são usadas tags para identificar isso também. A primeira matéria de Bittencourt, de janeiro de 2024, e a matéria de Gonzatto, de outubro de 2023, utilizam apenas um hiperlink em todo o texto. Já a matéria de Silva conta com dois hiperlinks, ambos no primeiro parágrafo.

Apenas a reportagem de Malinoski e a segunda matéria de Bittencourt fazem o uso de mais hiperlinks para resgatar reportagens e colunas que falam sobre outros momentos da obra, sublinhando não apenas palavras que levam a tags, como

“centro histórico” ou “viaduto otávio rocha”. As tags, aliás, são outro ponto irregular que analisamos. Apenas em uma das reportagens vemos a tag “obras públicas”, sendo que todas as reportagens falam sobre este assunto.

Por fim, notamos também irregularidade no recurso “leia mais”, utilizado por GZH para destacar reportagens com assunto parecido ao da matéria que está sendo lida. Em 2 reportagens, ele aparece após o terceiro parágrafo; em outras 2 reportagens, aparece após o quarto parágrafo; e na reportagem de Gonzatto ele sequer está lá. Em 3 casos, foram chamadas 3 matérias. Apenas na reportagem de Malinoski há 2 “leia mais”, sendo que um deles chama para apenas uma reportagem e o outro chama duas.

Em todos os casos, as matérias selecionadas se casam com o tema do texto sendo lido ou são reportagens da editoria de Porto Alegre sobre outros assuntos factuais envolvendo a cidade. A maior parte dessas matérias chamadas é sobre outras obras de revitalizações na cidade, seja de parques ou praças, inclusive no Centro Histórico. Outras reportagens trazem resgates históricos sobre o Viaduto Otávio Rocha. Há também casos de matérias que falam sobre pautas que envolvem o viaduto recentemente, como quando comerciantes pediam um cronograma atualizado da obra de revitalização, o que foi noticiado pela colunista Giane Guerra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o estabelecimento do projeto para este trabalho, a ideia inicial que guiou a pesquisa foi compreender a abordagem de um ou mais veículos de imprensa sobre a revitalização do Viaduto Otávio Rocha. O recorte por Zero Hora se dá tanto pela relevância do veículo no Rio Grande do Sul quanto pela abordagem recorrente sobre os assuntos da cidade. O objetivo de compreender a cobertura jornalística do jornal sobre a obra foi atingido, trazendo um olhar crítico para a cobertura textual e imagética sobre o tema. O problema de pesquisa, estruturado em torno da questão, “como se dá a cobertura sobre uma das grandes obras estruturais da maior cidade do Rio Grande do Sul pelo jornal Zero Hora?”, foi respondido.

No capítulo 2 do presente trabalho, compreendemos que o jornalismo local é determinante nas relações que o campo profissional estabelece com as cidades onde está inserido. Ao resgatar o que analisam autores como Fernandes e Lima (2016) e Silva (2023), notamos como a presença de veículos jornalísticos, mesmo que pequenos, com papel relevante na oferta de informação e contextualização sobre a realidade dos municípios. Em muitos casos, lembra-se, são pequenos jornais e emissoras de rádio as únicas fontes sobre problemas urbanos, que muitas vezes ficam de fora das coberturas de maior alcance. É também do protagonismo das cidades que saem histórias únicas de personagens, negócios e empreendimentos comunitários.

Também foi importante ao longo da pesquisa discutir a própria escolha por Zero Hora. Como mencionado anteriormente, há no escopo do jornal um olhar para as pautas locais. Além disso, Zero Hora é uma das principais marcas do Grupo RBS, conglomerado de mídia do Estado do Rio Grande do Sul. Algumas evidências disso aparecem na editoria de Porto Alegre, criada em 2017, e nas coberturas locais em regiões como Passo Fundo, que recebeu recentemente uma redação do veículo.

Este estudo não apenas contribui para a compreensão do papel do jornalismo local na cobertura de assuntos urbanos, mas também destaca a importância de uma abordagem contextualizada e crítica na análise de como os meios de comunicação moldam a percepção pública e as políticas urbanas. Ao destacar o viaduto como um estudo de caso, este trabalho visa não apenas documentar a evolução física da

estrutura, mas também promover uma reflexão mais profunda sobre o papel dos espaços urbanos na construção da identidade das cidades.

Percebemos ao longo da pesquisa que o jornalismo e o debate sobre urbanismo guardam relações de entranhamento. Isso significa que não é possível dissociar a cobertura jornalística das questões sociais e políticas que norteiam o planejamento das cidades. Trouxemos essa discussão no capítulo 3, quando falamos sobre a importância da participação do jornalismo em discussões urbanísticas das cidades, seja para noticiar a alteração de um plano diretor ou o trânsito que não flui em vias que superlotam em horários de pico. Veículos precisam dar espaço para essas pautas, elas ajudam na evolução das cidades.

O jornal Zero Hora se destaca por possuir um jornalista especializado neste tema: o colunista Jocimar Farina, citado mais de uma vez neste trabalho. Durante a etapa de seleção das reportagens que seriam analisadas, notamos que grande parte da cobertura sobre o Viaduto Otávio Rocha teve participação de Farina, que escreveu diversas pautas envolvendo esse equipamento urbano.

Ainda antes de analisar as reportagens selecionadas para esta pesquisa, trouxemos exemplos de matérias publicadas em GZH feitas antes mesmo de começar a mais recente revitalização do Viaduto Otávio Rocha. O monumento foi pauta no jornal em diversas oportunidades. Antes da criação da editoria de Porto Alegre, repórteres de Cultura e da extinta editoria de Geral já escreviam sobre exposições de arte no viaduto ou sobre moradores de rua que passaram a usar a estrutura como moradia.

Para promover uma reflexão condizente com o tempo, estrutura e contexto disponíveis para esse trabalho de conclusão, optamos pela adoção da metodologia de análise de conteúdo (Bardin, 2016), uma técnica de pesquisa que visa identificar e analisar padrões de significado dentro de um conjunto de dados, seja ele qual for. Dentro do escopo da análise, desenvolvemos como código elementos textuais e gráficos das reportagens, selecionando as seguintes categorias de pauta; fontes; imagens; e conteúdos adicionais (hiperlinks, “leia mais” e tags).

Como nos dedicamos no capítulo 2 a falar sobre os processos da editoria de Porto Alegre e a inserção do jornal Zero Hora no jornalismo local, optamos por selecionar apenas matérias escritas por repórteres, descartando aqueles textos publicados por colunistas, como Jocimar Farina, Giane Guerra e Juliana Bublitz.

Ainda no debate sobre pauta, as 5 reportagens analisadas no capítulo 4 nos atualizam sobre o andamento da obra de revitalização do Viaduto Otávio Rocha, iniciada no final de 2022. Isso ocorre sem aprofundamento em discussões urbanísticas. Propõe-se, apenas, informar em que fase a obra se encontrava no período em que foram escritas.

Em nenhum momento essas reportagens produzidas pela editoria de Porto Alegre citaram os comerciantes que deixaram o viaduto antes de a obra começar, o que chegou a ser feito em textos de colunistas do jornal durante o período. Outra discussão levantada por colunistas e ignorada pela reportagem é a de como será feita a manutenção do viaduto após a obra de revitalização ficar pronta. Nos textos que analisamos, apenas é citado que a argamassa do tipo cirex estava sendo trocada e que por cima dela seria passada uma tinta antipichação.

Ainda falando em pauta, notamos que o jornal assume uma postura reativa, ou seja, atuando diante de um fato ou acontecimento. No caso do viaduto, os fatos que geraram as reportagens foram atrasos nas entregas. A exceção é o texto de Silva, que aproveitou um outro gancho para atualizar também sobre o andamento da obra.

Na escolha de fontes, ao menos no recorte assumido, o jornal opta por dar demasiado destaque ao secretário municipal de Obras, André Flores. Espera-se, claro, que em pautas como essa, a fonte oficial seja escutada, porém, no caso desta cobertura, a prefeitura é usada como fonte principal em todas as 5 reportagens.

Entre os textos analisados, o único de Gonzatto e o segundo de Bittencourt usam o secretário como única fonte. Nas demais, além do secretário, os repórteres chegam a entrevistar pedestres que passavam pelo local, comerciantes das redondezas e trabalhadores da Concrejato, empresa que toca a obra de revitalização. Ao contrário do que preconiza o debate sobre aprofundamento do urbanismo, não há especialistas discutindo aspectos como a própria manutenção da obra depois.

Um ponto que pode ser considerado positivo nesta cobertura do jornal Zero Hora é o uso das imagens. Enviar equipes próprias de fotógrafos junto dos repórteres é uma das provas de que o veículo valoriza essa pauta a ponto de dispensar recursos para tal. Atualmente, como citamos no capítulo 2, é comum que jornais utilizem fotos feitas pelo celular devido à sua praticidade. Não é o que vemos

nas 5 reportagens analisadas. Galerias de fotos foram utilizadas em 3 das 5 reportagens. São imagens feitas por diferentes ângulos e que ilustram exatamente o que pedem as pautas. Apenas a reportagem de Gonzatto e a segunda de Bittencourt utilizam foto única.

Nota-se, também, um tratamento de edição nas imagens, mas discreto, sem alterar o conteúdo original, o que valoriza ainda mais a qualidade do material. Nesta categoria, a única ressalva a ser feita é na reportagem de Malinoski, no vídeo que aparece após o nono parágrafo, produzido pelo próprio repórter. Ele tem apenas 27 segundos e mostra pouco do trabalho que estava sendo feito na ocasião, o que pode gerar frustração ao leitor.

Na categoria de conteúdos adicionais, onde analisamos o uso de hiperlinks, “leia mais” e tags, chegamos à conclusão de que parece não haver um padrão editorial a ser seguido. Cada reportagem foi editada de diferentes formas, embora isso não impacte de forma determinante a estrutura da informação.

Sobre o uso de hiperlinks, um recurso tão importante para manter o leitor dentro do site, notamos que ele foi pouco utilizado nas reportagens de Silva (apenas duas vezes) e de Gonzatto (apenas uma vez). Na reportagem de Malinoski, assim como na segunda reportagem de Bittencourt, o recurso apareceu mais vezes. Além disso, os links nos levam a reportagens do passado que detalham os assuntos sublinhados. No entanto, vale lembrar, a primeira reportagem de Bittencourt não usa sequer um hiperlink.

O recurso “leia mais” também é utilizado para manter o leitor no site. Como já dito no capítulo de análise, notamos que esse espaço foi abastecido com reportagens sobre o próprio viaduto, às vezes trazendo um resgate histórico, ou com textos de colunistas sobre factuais. Quando não são reportagens envolvendo o viaduto, são matérias sobre Porto Alegre, que vão desde reuniões entre políticos a revitalizações de parques e praças. Apesar de haver irregularidade na posição em que o “leia mais” aparece nas reportagens, é positiva a presença dele nos textos, já que as reportagens chamadas podem ser do interesse do leitor que clicou naquela matéria.

Por fim, as tags também são outro ponto em que parece não haver um padrão na editoria de Porto Alegre. Nem sempre são utilizadas as mesmas tags, mesmo que elas deveriam estar no final do texto (Santagada, 2024). As tags ajudam a

organizar matérias sobre determinado assunto em páginas criadas dentro do site. Se isso não for feito, poderá ser difícil entrar na reportagem no futuro, tendo que recorrer a palavras-chave em um buscador, como o Google ou o Bing.

Dito isso, conclui-se que, apesar dos apontamentos que fizemos sobre o uso de fontes e as falhas descritas na categoria de conteúdos extras, os textos cumprem o papel de informar o leitor sobre o andamento da obra. Apesar de as reportagens não serem essencialmente combativas ou inquisitivas, há uma cobrança à prefeitura, que até a conclusão deste trabalho ainda não havia entregado nenhum dos trechos prometidos. Pelo que descrevemos neste trabalho, acredita-se que o jornal Zero Hora seguirá fazendo o monitoramento da obra até que ela de fato seja concluída.

Além da importância do localismo no jornalismo, a cobertura do Viaduto Otávio Rocha pelo jornal Zero Hora também ilustra como os veículos de comunicação podem influenciar a percepção pública sobre projetos urbanos e revitalizações de obras históricas.

Ao longo dos anos, o viaduto não apenas serviu como uma estrutura física crucial para a mobilidade na cidade, mas também como um símbolo de identidade cultural e histórica de Porto Alegre. Como disse Volpatto (2022), o Viaduto Otávio Rocha não é apenas um caminho que liga a Zona Sul ao Centro Histórico. É um dos mais importantes monumentos da cidade, que também abriga teatro e comércio, além de ser um dos cartões postais mais fotografados da capital gaúcha.

Espera-se que o presente trabalho contribua com discussões sobre urbanismo, cidades e gestão de obras públicas. Que seja um registro deste momento tão importante para a cidade, mas que também possa contribuir com pesquisas sobre jornalismo local no Brasil. Trouxemos o caso do jornal Zero Hora, um grande veículo que ainda dá bastante espaço às pautas locais. Outras pesquisas sobre o tema devem surgir, já que com a internet novos veículos estão sendo criados para fazer coberturas cada vez mais locais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Míriam Santini de. Crítica da cobertura jornalística sobre a luta por moradia na perspectiva do urbanismo. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41. 2018, Joinville. **Anais [...]**. Santa Catarina: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0022-1.pdf> . Acesso em 3 mai. 2024.

ARANHA, Angelo Sottovia. MIRANDA, Giovani Vieira. Digitalização, jornalismo hiperlocal e empoderamento feminino. *Extraprensa*, São Paulo. 31 dez 2016. p.6. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/106916>. Acesso em 12 abr. 2024.

ASSIS, Pablo de. O que é tag? **Tecmundo**, São Paulo, 6 maio 2009. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm> . Acesso em 11 jun. 2024.

AUDY, Jorge Luis Nicolas. **As cidades e o futuro**: modelo de pacto de inovação. Porto Alegre: Bookman, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016

BARROS, Larissa Cristina Sampaio. **Desertos de notícia e Comunicação Pública**: um estudo de caso sobre o Atlas da Notícia. [s.l: s.n.]. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26455/2/2019_LarissaCristinaSampaioBarros_artigo.pdf . Acesso em: 27 jun. 2024.

BECKER, Laura. Prefeitura retoma posse de cinco lojas do Viaduto Otávio Rocha, em Porto Alegre. **GZH**, Porto Alegre, 7 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/12/prefeitura-retoma-posse-de-cinco-lojas-do-viaduto-otavio-rocha-em-porto-alegre-clbe81ehh00f40170kmud8aq7.html> . Acesso em: 4 jun. 2024.

BEDRAN, Laura Martini. **Cultura urbana, linguagem visual e publicidade nos tempos do Rio Moderno**. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v.34, n.2, p. 37-53, jul./dez. 2011.

BIANCHI, Marina Mendes; JÚNIOR, Enio Moraes. Jornalismo local na Vila Mariana: A produção de pautas a partir da história oral de moradores do bairro. In: Seminário de Iniciação Científica ESPM, 5. 2016. **Anais** [...] São Paulo. Disponível em: <https://acervo-digital.espm.br/Semin%C3%A1rio%20Inicia%C3%A7%C3%A3o%20Cient%C3%ADfica%20ESPM/2016/379355.pdf> . Acesso em: 14 abr. 2024.

BITTENCOURT, Jônatha. Com entregas já atrasadas, Secretaria de Obras admite possibilidade de adiar conclusão da reforma do viaduto Otávio Rocha. **GZH**, Porto Alegre, 12 jan 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/01/com-entregas-ja-atrasadas-secretaria-de-obras-admite-possibilidade-de-adiar-conclusao-da-reforma-do-viaduto-otavio-rocha-clrb7zmza005w0142gynrwu4y.html> . Acesso em: 15 jun. 2024.

BITTENCOURT, Jônatha. Conclusão da reforma do Viaduto Otávio Rocha deve ocorrer com cinco meses de atraso, informa prefeitura. **GZH**, Porto Alegre, 12 abril 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/04/conclusao-da-reforma-do-viaduto-otavio-rocha-deve-ocorrer-com-cinco-meses-de-atraso-informa-prefeitura-clux3h0dx027p013fnte48fzm.html> . Acesso em: 15 jun. 2024.

CARLOSSO, Larissa. Começam as obras de revitalização do Viaduto Otávio Rocha. **Prefeitura de Porto Alegre**, Porto Alegre, 25 de novembro de 2022. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smoi/noticias/comecam-obras-de-revitalizacao-do-viaduto-otavio-rocha>. Acesso em 19 mai. 2024.

Como melhorar o trânsito e os ônibus em Porto Alegre. [Locução de]: Leo Saballa Jr e Paulo Germano. Porto Alegre: Perimetral Podcast, 25 ago 2023. Podcast. Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/2O6EBZ2mlbn2OqRxYoCaSy?go=1&sp_cid=9d6c7d89437c3e2a3d0de332a472a102&utm_source=embed_player_p&utm_medium=desktop&nd=1&dlsi=4f26046e2b3f4304 . Acesso em 11 mai. 2024.

DANTAS, I. H.; ROCHA, H. C. L. Webjornalismo: dos portais às redes sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais** [...]. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2705-1.pdf> . Acesso em: 26 jun. 2024.

DIESEL, Camila. Marchezan sanciona lei que permite adoção de monumentos, viadutos e fachadas em Porto Alegre. **Rádio Guaíba**. Porto Alegre, 15 de agosto de 2019. Disponível em: <https://guaiba.com.br/2019/08/15/marchezan-sanciona-lei-que-permite-adocao-de-monumentos-viadutos-e-fachadas-em-porto-alegre/> . Acesso em: 28 mai. 2024.

FARINA, Jocimar. Com limpeza suspensa, Viaduto Otávio Rocha tem 747 pichações. **GZH**, Porto Alegre, 30 de setembro de 2021. Disponível: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/jocimar-farina/noticia/2021/09/com-limpeza-suspensa-viaduto-otavio-rocha-tem-747-pichacoes-cku6w3g5m001n019mldecac4z.html>. Acesso em: 5 jun. 2024.

FARINA, Jocimar. Prefeitura dá início a projeto que pretende repassar viaduto Otávio Rocha para a iniciativa privada. **GZH**, Porto Alegre, 2 de novembro de 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/jocimar-farina/noticia/2023/11/prefeitura-da-inicio-a-projeto-que-pretende-repassar-viaduto-otavio-rocha-para-a-iniciativa-privada-clohijzsg008m016rgcrmqscm.html> . Acesso em: 25 mai. 2024.

FARINA, Jocimar. Sete meses depois de revitalizada, Praça da Matriz já apresenta má conservação. **GZH**, Porto Alegre, 5 jan 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/jocimar-farina/noticia/2023/01/sete-meses-depois-de-revitalizada-praca-da-matriz-ja-apresenta-ma-conservacao-clci2boz8000x0182k6n5b2wp.html> . Acesso em 8 jun. 2024.

FELIPPI, Ângela. **O processo produtivo do jornal Zero Hora**: a estratégia do “localismo”. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 34, p. 94-100, 2007.

FERNANDES, José Carlos; LIMA, Myrian Regina Del Vecchio De. Conexões entre o jornalismo hiperlocal e o jornalismo investigativo: algumas reflexões e observações. Comunicação & Inovação, [s. l.], v. 18, n. 36, 2017. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/3873/2153 . Acesso em: 10 mai. 2024.

FILHO, Silvio Belmonte de Abreu. **Porto Alegre como cidade ideal**: planos e projetos urbanos para Porto Alegre. 2006. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Porto Alegre, 2006.

FONTOURA, Marcelo Crispim da. Desertos de notícia recuam na Região Sul. **Atlas da Notícia**, Porto Alegre, 9 ago. 2023. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/v6/desertos-de-noticia-recuam-na-regiao-sul/> . Acesso em: 7 mai. 2024.

Fotos: Viaduto Otávio Rocha ganha grafite 3D no Centro de Porto Alegre. GZH, Porto Alegre, 20 de outubro de 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/10/Fotos-Viaduto-Otavio-Rocha-ganha-grafite-3D-no-Centro-de-Porto-Alegre-4624878.html> . Acesso em 1 jun. 2024.

GALVANI, Walter. **Olha a Folha**: Amor, traição e morte de um jornal. Porto Alegre: Sulina, 1996.

GaúchaZH: plataforma digital une forças de ZH e Gaúcha. **GZH**, Porto Alegre, 21 set 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/gauchazh-plataforma-digital-une-forcas-de-zh-e-gaucha-9908535.html> . Acesso em: 6 jun. 2024.

Gaz lidera audiência em Santa Cruz. GAZ, Santa Cruz do Sul, 17 maio 2017.
Disponível em: <https://www.gaz.com.br/gazeta-lidera-audiencia-em-santa-cruz/>.
Acesso em: 19 abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Luís. Comerciantes questionam planos da prefeitura para o Viaduto Otávio Rocha: 'sem segurança é impossível atrair turistas'. **Sul21**, Porto Alegre, 7 de set 2015. Disponível em: https://sul21.com.br/cidadesz_areazero/2015/09/comerciantes-questionam-planos-da-prefeitura-para-o-viaduto-otavio-rocha-sem-seguranca-e-impossivel-atrair-turistas/. Acesso em: 24 mai. 2024.

GONZATTO, Marcelo. Projetos no centro de Porto Alegre somam pelo menos R\$ 424 milhões e reforçam debate sobre futuro da região. **GZH**, Porto Alegre, 26 out 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/10/projetos-no-centro-de-porto-alegre-somam-pelo-menos-r-424-milhoes-e-reforcam-debate-sobre-futuro-da-regiao-clo4osins00cu013hagpu4897.html> . Acesso em: 15 jun. 2024.

GONZATTO, Marcelo. Usina, quadrilátero, Esqueletão: veja como está o andamento de sete grandes projetos no centro de Porto Alegre. **GZH**, Porto Alegre, 26 out 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/10/usina-quadrilatero-esqueleto-veja-como-esta-o-andamento-de-sete-grandes-projetos-no-centro-de-porto-alegre-clo4o857300a8015zkr0st05w.html> . Acesso em: 15 jun. 2024.

GUERRA, Giane. Comerciantes pedem cronograma de obras do viaduto Otávio Rocha. **GZH**, Porto Alegre, 9 set 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/giane-guerra/noticia/2023/09/comerciantes-pedem-cronograma-de-obras-do-viaduto-otavio-rocha-cllvc5cz40003015xkjd1ot9x.html> . Acesso em: 8 jun. 2024.

GULARTE, Jeniffer. Viaduto da Capital que ficou famoso durante a Copa do Mundo virou abrigo de moradores de rua. **GZH**, Porto Alegre, 24 de novembro de 2016.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/09/viaduto-da-capital-que-ficou-famoso-durante-a-copa-do-mundo-virou-abrigo-de-moradores-de-rua-7555566.html>. Acesso em: 5 jun. 2024.

GZH Passo Fundo completa um ano conectando o público ao que é relevante para a região. **GZH**, Porto Alegre, 1 mar 2024. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/passo-fundo/noticia/2024/03/gzh-passo-fundo-completa-um-ano-conectando-o-publico-ao-que-e-relevante-para-a-regiao-clt64x35600800191c27wsibp.html> . Acesso em: 22 abr. 2024.

Nova mostra no Viaduto Otávio Rocha, em Porto Alegre, reúne fotografias feitas com celular. **GZH**, Porto Alegre, 13 de junho de 2022. Disponível

em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2022/06/nova-mostra-no-viaduto-otavio-rocha-em-porto-alegre-reune-fotografias-feitas-com-celular-cl4c26vlz006i019isoehi2gm.html>. Acesso em 3 jun. 2024.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **O jornalismo no rádio atual: o ouvinte interfere?** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32., 2009, Curitiba. Anais [...]. Porto Alegre: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-0189-1.pdf> . Acesso em: 2 jun. 2024.

HORTA NUNES, J. Os sentidos de metrópole: saber urbano e jornalismo. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 43, n. 3, p. 1166–1178, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/514>. Acesso em: 13 mai. 2024.

LÜDTKE, Sérgio; SPAGNUOLO, Sérgio. Brasil tem redução de 8,6% nos desertos de notícias em 2023, mas jornalismo local precisa de incentivo. **Atlas da Notícia**, São Paulo, 9 ago. 2023. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/v6/brasil-tem->

[reducao-de-8-6-nos-desertos-de-noticias-em-2023-mas-o-jornalismo-local-precisa-de-incentivo/](#) . Acesso em: 9 mai. 2024.

MACHADO, José Antonio Pinheiro Machado. **Meio século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

MALINOSKI, André. Cinco obras do passado: com ponte, avenida, viaduto e domando as águas, Porto Alegre buscou se modernizar. **GZH**, Porto Alegre, 24 de março de 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2022/03/cinco-obras-do-passado-com-ponte-avenida-viaduto-e-domando-as-aguas-porto-alegre-buscou-se-modernizar-ckyl4jss000f015p8t5u5uvu.html>. Acesso em: 5 jun. 2024.

MALINOSKI, André. Viaduto Otávio Rocha: revitalização chega a 20%, e primeiro trecho deve ser entregue em dezembro. **GZH**, Porto Alegre, 20 jul 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/07/viaduto-otavio-rocha-revitalizacao-chega-a-20-e-primeiro-trecho-deve-ser-entregue-em-dezembro-clk054ey500bf015lyu5irhh0.html> . Acesso em: 14 jun. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa Qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014.

Momento Cidade #40: Como tecnologias de mobilidade podem transformar o desenho urbano?. [Locução de] Denis Pacheco. São Paulo: Momento Cidade, 16 abril 2021. Podcast. Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/momento-cidade-40-como-tecnologias-de-mobilidade-podem-transformar-o-desenho-urbano/> . Acesso em: 12 mai. 2024.

PACHECO, Beatriz. Hashtags e hiperlinks: o que são? para que servem? como usá-los? **Uniandrade**, Curitiba, 26 fev 2021. Disponível em: <https://uniandrade.br/blog/hashtags-e-hiperlinks-o-que-sao-para-que-servem-como-usa-los/#:~:text=Link%20ou%20hiperlink%20nada%20mais,relacionado%20ao%20tema%20em%20quest%C3%A3o>. Acesso em: 11 jun. 2024.

PINTO, Adriana Bagno Alves. **Jornalismo de proximidade e hiperlocal:** smartphones na produção da notícia no telejornalismo. 2020. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de pós-graduação em jornalismo, mestrado profissional em jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

Revisão do Plano Diretor vai definir a nova cara de Porto Alegre. [Locução de]: Leo Saballa Jr e Paulo Germano. Porto Alegre: Perimetral Podcast, 10 mar 2023.

Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/77gwQw9U5IK3CYZ4oIJmW0?si=te2-atSpRxCaEj196rTsXA&nd=1&dlsi=3e59e80ea727453e>. Acesso em 11 mai. 2024.

Revitalização do Viaduto Otávio Rocha começa e tem prazo de 18 meses em Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 24 nov 2022. Disponível em:

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/revitaliza%C3%A7%C3%A3o-do-viaduto-ot%C3%A1vio-rocha-come%C3%A7a-e-tem-prazo-de-18-meses-em-porto-alegre-1.928293> . Acesso em 8 jun. 2024.

RIBEIRO, Marcelo. Santa Maria: Rádio CDN entra no ar a partir de segunda-feira.

Caderno 7, Santa Maria, 21 ago 2021. Disponível em:

<https://www.caderno7.com/2021/08/santa-maria-radio-cdn-entra-no-ar.html> . Acesso em: 29 abr. 2024.

Ruas completas: em Porto Alegre, as duas faces de uma rua. **WRI Brasil**, São Paulo, 8 de setembro de 2017. Disponível em:

<https://www.wribrasil.org.br/noticias/ruas-completas-em-porto-alegre-duas-faces-de-uma-rua> . Acesso em 7 jun. 2024.

SANTOS, Julia Gonçalves Simões dos; CARVALHO, Juliano Maurício de; LOURENÇO, André Luís. **Jornalismo hiperlocal na era digital:** perspectivas práticas, conceituais e metodológicas. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 21. 2016, Salto. **Anais [...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016.

Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0508-1.pdf> . Acesso em: 9 mai. 2024.

SILVA, Maria Beatriz Pinto. **O Jornalismo de Proximidade no Digital do Porto Canal**. Dissertação (Mestrado em ciências da comunicação) - Variante de estudos de mídia e jornalismo, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2023. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/151406/2/635669.1.pdf>. Acesso em 22 abr. 2024.

SILVA, Roger. Obras no viaduto Otávio Rocha alteram circulação de pedestres da Avenida Borges de Medeiros. **GZH**, Porto Alegre, 17 fev 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/02/obras-no-viaduto-otavio-rocha-alteram-circulacao-de-pedestres-da-avenida-borges-de-medeiros-cle914c2u004u016owv9ya2he.html> . Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVEIRA, Nuvia; RIBEIRO, Milton. A história do Viaduto Otávio Rocha, o viaduto da Borges, com belas fotos. Porto Alegre, 5 dez 2020. Acesso em: <https://miltonribeiro.ars.blog.br/2020/12/05/a-historia-do-viaduto-otavio-rocha-o-viaduto-da-borges-com-belas-fotos/> . Acesso em 20 mai. 2024.

SOUZA, Célia F. Entre o saber e o poder: a implantação do urbanismo e as especificidades locais no início do século XX, em Porto Alegre. *In*: SILVA, Gilcéia do Amaral e; OLIVEIRA, Lisete Assen de (org.). *Arquitetura da cidade contemporânea: sobre raízes, ritmos e caminhos*. Florianópolis : Editora da UFSC, 2013. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/PESQuISA/ebooks/414488.pdf> . Acesso em: 10 mai. 2024.

VALLE, Paulo Roberto Dalla, FERREIRA, Jacques de Lima. **Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin**: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação, São Paulo, 2023, p.4, 1 fev 2024.

VARGAS, Bruna; WEBER, Jessica; FONSECA, Caue; GONZATTO, Marcelo. **Poa: pessoas, olhares, amores**. Porto Alegre: Gog Ideias, 2022

Lucas Bernardes. **Viaduto Otávio Rocha**: um ícone da Porto Alegre moderna. Porto Alegre: Concórdia, 2022.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br